FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS NÍVEL DE MESTRADO
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

JEFERSON APARECIDO LIMA DE OLIVEIRA

ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: O CASO DOS VENEZUELANOS EM PORTO VELHO.

PORTO VELHO – RO
DEZEMBRO - 2020.

JEFERSON APARECIDO LIMA DE OLIVEIRA

ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: O CASO DOS VENEZUELANOS EM PORTO VELHO.

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia-RO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª. Dra. Odete Burgeile

PORTO VELHO – RO

DEZEMBRO - 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

O482e Oliveira, Jeferson.

Entre fronteiras e diásporas: o caso dos venezuelanos em Porto Velho / Jeferson Oliveira. -- Porto Velho, RO, 2021.

85 f. : il.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Odete Burgeile

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Venezuelano. 2.Diáspora. 3.Interculturalidade. 4.Migração. 5.Porto Velho. I. Burgeile, Odete. II. Título.

CDU 314.15(87)

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Iracema Lima de Oliveira (*in memorian*), mulher guerreira e de fibra, que além de ter me dado a maior dádiva, que é a vida, dedicou cada segundo de sua existência para torná-la a melhor possível para mim, minhas irmãs e netos, nos ensinando a sorrir e ter fé mesmo nos momentos de dor. Sei que, apesar de não estar presente fisicamente, ilumina os meus passos e orienta as minhas decisões e, espero, um dia, poder sentir, novamente, seu abraço acolhedor e seu colo aconchegante.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE PRESENÇA

Jeferson Aparecido Lima de Oliveira

ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: O CASO DOS VENEZUELANOS EM PORTO VELHO

Dissertação apresentada em 15 de dezembro de 2020 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Odete Burgeile
Presidente da Banca e Orientadora (PPGML/UNIR)

Prof. Dr. Ednaldo Tartaglia Santos
Membro Externo (UNIFAP)

Profa. Dra. NADIA NELZIZA LOVERA DE FLORENTINO
Membro Interno (PPGML/UNIR)

Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha
Membro interno (suplente)

Porto Velho – RO
2020

Documento assinado eletronicamente por **ODETE BURGEILE**, **Docente**, em 17/12/2020, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Ednaldo Tartaglia Santos**, **Usuário Externo**, em 18/12/2020, às 12:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **NADIA NELZIZA LOVERA DE FLORENTINO**, **Docente**, em 18/12/2020, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0552494** e o código CRC **236031CA**.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Odete Burgeile, por ter me recebido e sempre me mostrado o caminho a ser seguido de forma única, admirável e exemplar. Desejo poder contribuir à ciência e ao universo acadêmico com a mesma ética e entusiasmo que me transmitiu.

As minhas irmãs, Kelly e Kátia e principalmente meu sobrinho Luã Lima de Oliveira pelo simples fato de existirem e acreditarem nos meus sonhos. Mesmo com as dificuldades que encontramos no caminho, vocês, em momento algum, fizeram com que eu me sentisse sozinho no mundo. Amo vocês de forma incondicional.

Aos meus familiares que sempre se orgulharam de mim e confiaram em meu trabalho. Obrigada pela confiança!

Às minhas amigas de Porto Velho do grupo Viajantes: Mazarelo Maciel, Marcela Catlen, Eleida Ramos, Eliana Ramos, Alessandra Ramos, e principalmente a Eila Ramos e Gabriela Ramos que me abrigaram durante as aulas. Meu eterno agradecimento a toda, vocês são pessoas que pessoas com quem amo partilhar a vida. Obrigado pelo carinho, a paciência e por me trazerem paz na correria da vida.

Ao meu amigo Carlos Eduardo Parente de Sousa pelos importantes direcionamentos passados em diversos momentos desde o início da minha busca pelo programa de mestrado até a ajuda na conclusão do mesmo e parcerias na confecção de artigos e publicações. Espero que nossas agradáveis conversas sobre pesquisas tenham vidas longas.

Aos meus amigos Adriano, Grey, Bosco, Me. Edimildo Barroso, Regenilson Maciel, Joelson, Francisco Maurício, Jurley, João Bosco e principalmente a Cissa Mikaelly e Drº Rony Botelho pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida.

Aos professores do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia, responsáveis por minha formação intelectual

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), na pessoa do Magnífico Reitor Antonio Venâncio Castelo Branco (*in*

memorian), por proporcionar incentivo à qualificação por meio do afastamento para que pudesse me dedicar ao cumprimento dos créditos e à pesquisa.

À gestão do IFAM *Campus* Humaitá na pessoa da Profª. Alline Penha Pinto, a chefe do DEPE Cristiangrey Quinderé e ao ex-chefe do DEPE Guilherme Alves de Sousa pela compreensão em ter me dispensado em vários momentos para que eu pudesse estar presente as aulas do mestrado.

Aos meus amigos e amigas do Mestrado em Letras, a convivência e a troca de conhecimentos com vocês foram as melhores experiências da minha formação acadêmica.

E por último e não menos importante a toda comunidade Venezuelana na cidade de Porto Velho, em especial a Jaisse España e a Sarah Ly que me apresentaram e me inseriram na realidade e cultura dos imigrantes venezuelanos.

OLIVEIRA, de Lima, Jeferson Aparecido. **ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: O CASO DOS VENEZUELANOS EM PORTO VELHO, 2020.**

RESUMO

A condição de fronteiras terrestres e logísticas por meio de estradas e rios, no norte do Brasil, aumentou o volume e os movimentos dos deslocamentos de venezuelanos, acarretando na porosidade das fronteiras nacionais, étnico-culturais e identitárias, uma vez que nos terrenos das trocas de espaços miscigenam indivíduos com ideologias e culturas distintas. Por isso, é nossa intenção mostrar as características motivacionais que levam o sujeito imigrante venezuelano a deixar sua terra natal em direção à outra, os desafios de se viver nesse novo local, bem como descrever a forma como ele é recebido e as estratégias utilizadas para a inclusão nessa nova sociedade. A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa de cunho etnográfico e, para tanto, utilizamos um questionário com perguntas que abordaram o perfil do colaborador, a motivação para saída do país de origem, a integração no novo local, a integração com os membros do grupo e com a terra natal. As perguntas foram feitas a vinte imigrantes venezuelanos, escolhidos aleatoriamente, residentes em Porto Velho, nos anos de 2018-2020, que frequentaram o curso *Português como língua adicional, o qual* faz parte do programa *Trânsitos, fronteiras, migração e línguas adicionais na Amazônia*, oferecido pelo Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais (GELLSO), vinculado ao Departamento de Línguas Estrangeiras da Fundação Universidade Federal de Rondônia. A base teórica versou sobre temas e conceitos como os de diáspora (COHEN, 1996; REIS, 2004; SOUZA, 2016), cultura e multiculturalismo (HALL, 2003, 2006; NUNES, 2004; SEMPRINE, 1999), interculturalismo e a diversidade humana (CANDAU, 2008; CANCLINI, 2008; CANTLE, 2012) e as redes de migração (REQUENA SANTOS, 2002; MILROY E MILROY,1992; KNOKE e KUKLINSKI, 1982).Os resultados mostraram que, apesar do conflito cultural que estes sujeitos venezuelanos passaram, grande parte da população conseguiu romper as barreiras sociais e se inseriram no contexto cultural de Porto Velho, construindo assim uma sociedade híbrida.

Palavras-chave: Venezuelano, Diáspora, Interculturalidade, Migração, Porto Velho.

OLIVEIRA, de Lima, Jeferson Aparecido. **ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: O CASO DOS VENEZUELANOS EM PORTO VELHO, 2020.**

ABSTRACT

The condition of land and logistical borders through roads and rivers, in northern Brazil, increased the volume and movements of Venezuelans' displacements, resulting in the porosity of national, ethnic-cultural and identity borders, since in the areas of exchanges of spaces mix individuals with different ideologies and cultures.Therefore, it is our intention to show the motivational characteristics that lead the Venezuelan immigrant subject to leave his homeland towards the other, the challenges of living in this new place, as well as to describe the way he is received and the strategies used in this new place. society. The methodology adopted in this research is qualitative with an ethnographic nature and, for this, we used a questionnaire with questions that addressed the employee's profile, the motivation to leave the country of origin, integration in the new location, integration with group members and with the homeland. The questions were asked to twenty Venezuelan immigrants, chosen at random, residing in Porto Velho, in the years 2018-2020, who attended the Portuguese course as an additional language which is part of the program Transits, borders, migration and additional languages in the Amazon, offered by the Group of Linguistic, Literary and Sociocultural Studies (GELLSO), linked to the Department of Foreign Languages of Fundação Universidade Federal de Rondônia. The theoretical basis was about themes related to studies on diaspora (COHEN, 1996; REIS, 2004; SOUZA, 2016), culture and multiculturalism (HALL, 2003, 2006; NUNES, 2004; SEMPRINE, 1999), interculturalism and human diversity (CANDAU, 2008; CANCLINI, 2008; CANTLE, 2012) and migration networks (REQUENA SANTOS, 2002; MILROY AND MILROY, 1992; KNOKE and KUKLINSKI, 1982). The results showed that, despite the cultural conflict that these Venezuelan subjects went through, a large part of the population managed to break the social barriers and inserted themselves in the cultural context of Porto Velho, thus building a hybrid society.

Keywords: Venezuelan, diaspora, interculturality, migration, Porto Velho.

OLIVEIRA, de Lima, Jeferson Aparecido. **ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: O CASO DOS VENEZUELANOS EM PORTO VELHO, 2020.**

RESUMEN

La condición de las fronteras terrestres y logísticas a través de carreteras y ríos, en el norte de Brasil, incrementó el volumen y los movimientos de los desplazamientos de venezolanos, resultando en la porosidad de las fronteras nacionales, étnico-culturales y de identidad, ya que en las áreas de intercambio de espacios se mezclan individuos con diferentes ideologías y culturas. Por ello, es nuestra intención mostrar las características motivacionales que llevan al sujeto inmigrante venezolano a dejar su patria hacia el otro, los desafíos de vivir en este nuevo lugar, así como describir la forma en que es recibido y las estrategias utilizadas en este nuevo lugar. sociedad. La metodología adoptada en esta investigación es cualitativa con carácter etnográfico y, para ello, se utilizó un cuestionario con preguntas que abordaban el perfil del empleado, la motivación para salir del país de origen, la integración en la nueva ubicación, la integración con los miembros del grupo y con la patria. Las preguntas fueron realizadas a veinte inmigrantes venezolanos, elegidos al azar, residentes en Porto Velho, en los años 2018-2020, que asistieron al curso portugués como idioma adicional que forma parte del programa Tránsitos, fronteras, migración e idiomas adicionales en la Amazonía, ofrecido. por el Grupo de Estudios Lingüísticos, Literarios y Socioculturales (GELLSO), vinculado al Departamento de Lenguas Extranjeras de la Fundação Universidade Federal de Rondônia. La base teórica fue sobre temas relacionados con estudios sobre diáspora (COHEN, 1996; REIS, 2004; SOUZA, 2016), cultura y multiculturalismo (HALL, 2003, 2006; NUNES, 2004; SEMPRINE, 1999), interculturalismo y diversidad humana (CANDAU, 2008; CANCLINI, 2008; CANTLE, 2012) y redes migratorias (REQUENA SANTOS, 2002; MILROY Y MILROY, 1992; KNOKE y KUKLINSKI, 1982). Los resultados mostraron que, a pesar del conflicto cultural que atravesaron estos sujetos venezolanos , una gran parte de la población logró romper las barreras sociales y se insertó en el contexto cultural de Porto Velho, construyendo así una sociedad híbrida.

Palabras clave: Venezolana, Diáspora, Interculturalismo, Multiculturalismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

SEÇÃO 1 Discussões teóricas

1.1 Deslocamentos e Diásporas..... 18
1.2 Cultura e Multiculturalismo 30
1.3 O interculturalismo e a diversidade humana 38
1.4 Redes de migração 44

SEÇÃO 2 Contexto Histórico da Venezuela 50

SEÇÃO 3 Análise dos entre fronteiras e diásporas 58

3.1 Perfil do colaborador 58
3.2 Motivação para a saída do país de origem..... 60
3.3 Integração no novo local 63
3.4 Integração com os membros do grupo e com a terra natal 69

CONSIDERAÇÕES FINAIS 73

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 77

APÊNDICE 82

ANEXO.....84

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 84

LISTA DE FIGURAS

FIGURA – 1 Aula de português para imigrantes venezuelanos na Paróquia de Santa Luzia.. 34

FIGURA – 2. Reunião para a preparação da feira culinária com os venezuelanos.....34

FIGURA – 3. Evento organizado pelos Venezuelanos com apoio da comunidade portovelhense..... 42

FIGURA – 4. Culinária venezuelana 43

FIGURA – 5. Migração Venezuelana 56

INTRODUÇÃO

As discussões referentes aos deslocamentos e aos conflitos evidentes nas regiões de fronteiras sempre foram um dos maiores desafios entre os países globalizados e aqueles considerados periféricos. Nos últimos anos, percebemos essa condição de periferia atribuída, sobretudo na Venezuela, pois as dificuldades vividas, muitas vezes atravessam as fronteiras e são refletidas em solos alheios.

Como entendemos que o pesquisador é parte da pesquisa, acreditamos ser relevante apresentar sua trajetória acadêmica antes de dar mais detalhes sobre a pesquisa. Ela iniciou-se com a graduação em Letras – Língua Portuguesa no Programa de Interiorização da antiga Universidade do Amazonas – UA (hoje UFAM), no Polo Alto Madeira, município de Humaitá - AM, e depois com a especialização em Metodologia do ensino de língua portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. Iniciou como professor do ensino básico na rede estadual do Amazonas em 1995 e em 2015 tomou posse no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, no Campus Humaitá, para o cargo de professor de ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT). Ali, além do ensino, também atuou na pesquisa e extensão, a partir do envolvimento em vários projetos.

A partir dessas experiências, ele sentiu a necessidade e teve a oportunidade propícia de participar do programa de Mestrado e poder desenvolver uma pesquisa que pudesse ampliar seus conhecimentos, como também sanar dúvidas dos processos de deslocamentos que estavam ocorrendo na região amazônica. Desse modo, estudar os vários processos de deslocamentos dessa região foi o que chamou sua atenção e motivou a execução dessa pesquisa. Em uma viagem feita ao estado de Roraima, no ano de 2017, ele verificou não somente as paisagens naturais, mas o espaço de destino que a região se tornava para os venezuelanos. Em Boa Vista, capital, ouvia-se falar que muitos deles não queriam sair de seu país, porém, por questões econômicas e políticas, foram obrigados a se deslocar.

Os noticiários falavam em imigração, outros caracterizavam esses sujeitos venezuelanos como nômades e exilados. E foi justamente a dúvida

acerca do que acontecia naquele espaço que o levou a pesquisar e entender sobre esse processo.

O projeto inicial consistia em uma pesquisa a ser realizada em Pacaraima, fronteira entre o Estado de Roraima e da Venezuela. Porém, percebemos que no sul da Amazônia também havia uma grande concentração de venezuelanos e compreendemos que o movimento diaspórico havia ultrapassado as fronteiras do estado de Roraima e adentrado pelos outros estados brasileiros, como exemplo, Rondônia, especificamente, a cidade de Porto Velho.

Com base nisso, o objetivo deste trabalho foi o de estudar a interculturalidade da diáspora venezuelana, na Amazônia brasileira, especificamente, em Porto Velho. Para atingirmos essa concretude, fizemos um estudo qualitativo de cunho etnográfico e, para tanto, utilizamos um questionário com 38 (trinta e oito) perguntas fechadas e abertas, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), pelo Parecer Nº 3.941.916. As perguntas abordaram o perfil do colaborador, a motivação para saída do país de origem e a integração com a população do novo local, além da integração espacial no novo território.

Para responder a essas indagações, selecionamos aleatoriamente vinte venezuelanos que frequentaram o curso *Português como língua adicional,* que faz parte do programa *Trânsitos, fronteiras, migração e línguas adicionais na Amazônia*, oferecido pelo Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais (GELLSO), vinculado ao Departamento de Línguas Estrangeiras da Fundação Universidade Federal de Rondônia. O referido programa iniciou como projeto de *Português como língua adicional* e se expandiu para programa *Trânsitos, fronteiras, migração e línguas adicionais na Amazônia,* que contou com a coordenação das docentes Odete Burgeile, Renata Aparecida Ianesko e, atualmente, com Nádia Nelziza Lovera de Florentino. Seu objetivo é a promoção de ações que articulassem ensino, pesquisa e extensão em cursos de línguas adicionais, além de exames de proficiência, elaboração de currículos e serviços de tradução, com vistas à inclusão linguística, social e cultural de imigrantes na sociedade brasileira.

Como base teórica para tentar responder às nossas indagações e compreender a complexidade dos deslocamentos espaciais, utilizamos os

estudos sobre diáspora (COHEN, 1996; REIS, 2004; SOUZA, 2016), cultura e multiculturalismo (HALL, 2003, 2006; NUNES, 2004; SEMPRINE, 1999), interculturalismo e a diversidade humana (CANDAU, 2008; CANCLINI, 2008; CANTLE, 2012) e as redes sociais (REQUENA SANTOS, 2002; MILROY E MILROY,1992; KNOKE E KUKLINSKI, 1982).

O trabalho está dividido da seguinte forma: a primeira seção tem como título, Discussões teóricas, onde subdivide-se em subseções. Na primeira subseção *Deslocamentos e diásporas,* fizemos uma descrição das formas de diásporas analisadas e refletidas pelos estudos modernos, principalmente, neste caso, dos pós-modernos. Propomos aqui evidenciar os deslocamentos no qual a comunidade venezuelana está inserida, as características que os levaram a fugir de seus locais de origem. É importante frisarmos também, a semelhança da diáspora contemporânea com outras formas de deslocamentos estudados, sobretudo, pelas pesquisas de linhas modernas e pós-modernas, principalmente por levarem conta o sujeito e suas complexidades. Na segunda subseção, *Cultura e Multiculturalismo,* descrevemos a concepção de cultura até chegar à ideia de multicultural. É importante lembrar que o termo cultura abraça inúmeras causas e condições da natureza humana, significando povos e nações. Assim, passamos a caracterizar o multiculturalismo que não pode ser representado como sendo um padrão perfeito de cultura, uma vez que a sociedade estará sempre passando por processos de transformações e o sujeito será o personagem que dará vida a esses enredos pautados nas mudanças. A terceira subseção, *O interculturalismo e a diversidade humana,* apresenta as diferenças entre o multiculturalismo e o interculturalismo, ou seja, a análise, a partir de agora, recairá no direito de se reconhecer o sujeito diferente, aquele dotado de condições culturais e capacidades que são específicas de sua natureza humana. O interculturalismo vem preencher as lacunas deixadas pelo multiculturalismo, no sentido de não somente significar povos e nações, mas reconhecer seus lugares na sociedade contemporânea, as mudanças que porventura virão e os reflexos absorvidos com essas mudanças, visto que a cultura, neste ponto, enriquece. A quarta subseção *Redes de migração* mostra as diversas formas de acolhimento e recepção que estes diaspóricos têm, sobretudo, por parte de familiares e amigos. É o que pretendemos analisar através dos estudos modernos e pós-modernos, que

relutam, em específico, nas teorias da diáspora, da cultura, do multiculturalismo e do interculturalismo.

Na segunda seção temos o *Contexto histórico da Venezuela*, em que apresenta o período de migração caribenha em direção a Região Amazônica, bem como trouxemos informações acerca do período de glória do país até atingir o seu declínio. Demos ênfases aos fatores que o levaram à crise e a migração de seus cidadãos para outros países, no qual analisamos a realidade do Brasil, em específico a cidade de Porto Velho, Estado de Rondônia.

Na terceira seção, *Análise dos entre fronteiras e diásporas,* por meio de questionários aplicados junto aos venezuelanos que moram ou passaram por Porto Velho no período de coleta de dados, mostramos como se materializam as relações entre diaspóricos e nativos, tendo como referência os perfis identitários que assumem esses sujeitos no ato de atravessar as fronteiras entre ambos os países e, especificamente, ao buscarem Porto Velho como local de dispersão.

SEÇÃO 1– Discussão teórica

1.1 DESLOCAMENTOS E DIÁSPORAS

As diásporas são responsáveis pelas transformações sociais e culturais ocorridas em diferentes partes do planeta, desde o período das grandes colonizações, mas vem chamando a atenção, sobretudo, nos últimos anos. Importa falarmos também que o padrão social do Outro e a relação com o aspecto cultural do outro retrata que o sujeito que se desloca tem muito potencial a ser utilizado na sociedade onde se dispersa, porém lhes faltam oportunidade e chances de serem inseridos no mercado.

Desta forma, não devemos deixar de enfatizar a importância de se estudar tais deslocamentos, uma vez que vem sendo objeto de análises em diversas áreas do conhecimento humano. Entretanto, nos questionamos sobre qual seria a origem do termo “diáspora” estudado em questão. Para responder a isso, Cohen (1998) propõe que este vocábulo “diáspora” deriva do grego – dia, através e speirein, espalhar, foi primeiramente utilizada pelos gregos para descrever a colonização da Ásia Menor e do Mediterrâneo no período de 800 a 600 a. C.

Por ser uma dispersão, Brah (2002) instiga que diáspora em todas as condições sempre retomará a ideia de uma viagem, até então, algo positivo. Porém, a autora vai mais além ao fazer referência sobre as relações diaspóricas enquanto componente dos estudos culturais, lembrando que nem toda viagem é considerada uma relação de diáspora. Assim, para que não haja confusão entre deslocamento motivado por diáspora e viagem casual, é viável questionarmos quem viaja, quando, como e sob quais circunstâncias, além de que condições socioeconômicas, políticas e culturais marcam as trajetórias dessas viagens e que regimes de poder inscrevem a formação de uma diáspora específica (BRAH, 2002, p. 182).

Sabemos que por fazer parte de um panorama com momentos e situações específicas, as manifestações diaspóricas atraem a atenção por terem características e contextos distintos, sendo de relevância que “[...] cada diáspora empírica deva ser analisada em sua especificidade histórica [...]” (BRAH, 2002, p. 183). Em se tratando de diásporas como experiências

históricas distintas, elas englobam viagens para diferentes partes do mundo, cada uma com a suas particularidades.

Tentando traçar uma classificação específica para cada manifestação diaspórica, estudiosos como Cohen (1996) e Reis (2004) definiram três momentos específicos: o primeiro o atribuiu uma classificação denominada de Diáspora Clássica que coloca como sujeitos atuantes nesse contexto o povo judeu, logo, o marco das condições diaspóricas enquanto interpretação dos estudos culturais teve início por volta do ano 586 a. C. a contar com a destruição da cidade de Jerusalém. Consequentemente, a imagem que se criou para as manifestações diaspóricas foi de fuga e repressão, uma vez que tais povos dispersos foram inseridos em um contexto de escravidão, tornando-se objetos da história que reconta os traumas pelos quais os judeus passaram, uma vez que:

> Coletivamente, os judeus eram vistos como cisco levado ao vento. Em um nível individual, judeus diaspóricos eram descritos como pessoas-fantasmas patológicas – destinados a nunca se encontrarem ou alcançar completude, tranquilidade ou felicidade enquanto vivessem no exílio (COHEN, 1998, p. 3 - 4, tradução nossa).[1]

Alguns estudiosos discordam em parte da descrição de Cohen ao afirmar a diáspora judaica como paradigma para que se reconheçam as representações do que seja Diáspora Clássica. Reis (2004), em um artigo que põe em evidência a diáspora, traça um esquema entre diáspora clássica e a contemporânea, apontando que “Talvez a tarefa de definir a diáspora fosse muito menos problemática se a diáspora judaica deixasse de ser usada como a norma para se determinar que grupos são relegados a uma diáspora de minorias, transnacional, de comunidade ou outros agrupamentos” (REIS, 2004, p. 44, tradução nossa)[2]. A crítica descrita por Reis é resultante de que povos minoritários como imigrantes de outras regiões sofreram as mesmas condições que os judeus e não foram mencionados por Cohen. Desta forma, ainda,

---

[1] Collectively, Jews were seen as helpless chaff in the wind. At an individual level, diasporic Jews were depicted as pathological half-persons – destined never to realize themselves or to attain completeness, tranquility or happiness so long as they were in exile (COHEN, 1998, p. 3-4).

[2] [Perhaps the task of defining diaspora would be far less problematic if the jewish Diaspora ceased to be used as the norm for determining which groups are relegated to a minority, transnational community, diaspora, or other grouping] (REIS, 2004, p. 44).

segundo Reis (2004, p. 44, tradução nossa) [3]"Uma das maiores falhas da teoria da diáspora é a tomada do caso judaico como uma ilustração por excelência"

É verdade que pode haver uma precipitação em Reis ao definir o caso da diáspora Judaica por excelência, o fato é que Cohen não a define como sendo um movimento degenerativo ao sujeito como um todo. Em Cohen (1998), é visto que algumas regiões por onde os diaspóricos se dispersaram teve um crescimento intelectual e cultural gritante. Como exemplo disso temos as comunidades judaicas concentradas nas regiões de Alexandria, Damasco, Ásia menor e Babilônia que se tornaram paradigmas culturais e referências de sociedades evoluídas.

Porém, devemos pontuar que nem sempre os judeus foram vistos como sujeitos aptos a dividirem o mesmo espaço que o Outro. A marcação destes de forma estereotipada os restringiu e os destacavam em alguns grupos de forma negativa, sobretudo por serem conhecidos historicamente como os assassinos do filho de Deus na terra. Contudo, como já descrito, a diáspora judaica não pode ser entendida unicamente como um momento obscuro na vida desses sujeitos, uma vez que:

> A diáspora clássica põe em evidência características marcantes abordando o que é ser diasporico e como viver essa condição os sujeitos judeus não eram em tudo marginal, entretanto, viviam as consequências de terem nascido em uma comunidade vista sob perspectivas negativas, mas que, de certa forma, lhes promoveu conhecimentos específicos descreve-se ainda que, na oportunidade de retornarem para seus locais de origem, muitos judeus preferiram permanecer na babilônia por já terem um padrão de vida concretizado, o que gera desconforto nos pesquisadores a ponto de criarem empasses do tipo. Quem é o sujeito diaspórico? Como o império cria esses sujeitos? (SOUZA, 2016, p. 36)

Desta forma, percebemos a importância e influência da Diáspora Clássica para o entendimento inicial deste estudo. Entretanto, Souza (2016) ao finalizar seu discurso questiona: Como o império cria esses sujeitos? Desta forma cabe-nos pontuar que as influências imperiais nas diásporas foram muito

---

[3] [One of the major flaws of diaspora theory is the reliance on the Jewish case as the illustration par excellence] (REIS, 2004, p. 44).

atuantes no período pós-renascimento, momento em que uma nova demarcação de diáspora entra em cena, ou seja, é o período das diásporas modernas, analisados por (REIS, 2004).

É possível que as ideologias de Reis (2004) acerca da diáspora moderna tenha surgido de seu posicionamento quando falava acerca da diáspora clássica, uma vez que a autora carrega em seu discurso a ideia central da escravidão. Entretanto, nessa classificação moderna a palavra colonização especifica e demarca o surgimento de uma nova categoria de diáspora. Reis ainda divide tal período em três momentos: primeiramente a expansão da colonização europeia indo de 1450 até 1814; posterior a Revolução industrial abarcando conflitos e dilemas europeus a contar 1815 até aproximadamente 1914 e, por fim; o período do entre guerras de 1914 até 1945.

O que nos chama a atenção nesta categoria de diáspora é que, novos espaços geográficos são explorados, é onde as águas dos oceanos são rasgadas pelos navios que não carregavam somente o desejo de conquistar terras, bem como, as condições de se captura e comercializar seres considerados pelo império como subalternos. Assim:

> Falou-se fartamente de descobrimentos realizados pelos portugueses e espanhóis na costa ocidental da África e em ilhas do Oceano Atlântico. E multiplicam-se as datas de revelação de realidades geográficas ou humanas, desde a ilha de Porto Santo, em 1418, a dezenas de outras, bem como acidentes do litoral do continente africano. Alguns acontecimentos tiveram enorme ressonância, como a passagem do extremo sul, chamada Cabo das Tormentas ou Cabo da Boa Esperança, em 1488, por Bartolomeu Dias, desfazendo-se uma das lendas da geografia medieval. Ou a de Cristóvão Colombo, genovês a serviço da Espanha, em 1492, com a revelação do Novo Mundo ou da América. A do português Vasco da Gama, que chegaria à Índia em 1498, agora pela via marítima. Entre 1519 e 1522 é feita a primeira viagem de circunavegação, iniciada pelo português Fernão de Magalhães e concluída por Sebastian del Cano. (IGLÉSIAS, 1992, p.23).

Não há dúvidas de que o sujeito europeu foi induzido e marginalizado por igual momento no período de colonização, uma vez que eles são a representação de primeira dispersão de povos na diáspora moderna.

Entretanto, sua “marginalização” não se compara em nada as barbares sofridas por outros sujeitos que vivenciaram a diáspora moderna. Emprego o termo marginal, posto que em uma escala social, tal viajantes colonizadores eram subordinados a ações de trabalho em uma situação hierárquica de poder. Porém, não viviam em condições degradantes e eram pagos para tal deslocamento, consequentemente, podiam sair e voltar ao império, sem restrições. Um exemplo dessa noção de diaspórico moderno que viviam em condição de superioridade foi documentado na carta escrita por Pero Vaz de Caminha, no ano de 1500, destinada a D. Manoel I, Rei de Portugal. É claro que a nomenclatura do desloca-se é a mesma, mas o contexto diversificado, na carata Caminha deixa claro essa condição ao descrever os nativos, propõe o europeu que:

> A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma [...]. Acerca disso são de grande inocência. [...] andavam tosquiados, [...] raspados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa [...] uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. [...] O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira [...] Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (BRASIL, online, 2020)

Percebemos pela descrição de Caminha as intenções encucadas nas aceitações do sujeito diaspórico colonizador. Evidencia-se que o procurar e, documentar riquezas era uma das aspirações em seu processo de deslocamento, além disso, concretizado tal fato, (confirmação das riquezas) uma nova manifestação diaspórica iniciou-se entra em cena o tráfico de escravos. O roubo e envio de sujeitos africanos para ser escravizado em outros países, por volta do ano de 1455, quando a Igreja Católica, na pessoa do Papa Nicolau V, autoriza a escravidão dos que se diziam contra a Igreja. Décadas

mais tarde, no ano de 1462, o Papa Pio II proclama que a escravidão era um crime (SOUZA, 2016). Ainda assim:

> A entrada da mão de obra escrava africana não eliminou a mão de obra escrava indígena. Porém, vários fatores explicam o aumento do número de escravos africanos em relação ao índio:" fraca densidade demográfica da população indígena [...] devido às tribos estarem cada vez mais arredias, [...] dizimação dos indígenas através da super exploração de sua força de trabalho; proteção jesuítica, etc. Existia ainda outro interesse envolvido na entrada de mão de obra africana: com a mão de obra indígena era possível sonegar impostos, porque era "um negócio interno da colônia [...] até o quinto devido à coroa era sonegado" enquanto que o "comércio ultramarino trazia excelentes dividendos tanto aos governos quanto aos comerciante". (PINSKY, 1993. p.19)

Apesar da proibição da igreja católica, o comércio de escravo só cresceu ao longo dos séculos. O que alargou o comércio marítimo. Meados do século XIX, com a proibição da escravatura, surgem necessidades de contratar pessoas para que as explorações das riquezas das colônias continuassem a serem executadas pela metrópole, entra em cena o trabalhador contratual, chegam então às colônias sujeitos, muitas vezes, europeus de classes subordinadas. Assim:

> Após o tráfico de escravos, quando a escravidão foi proibida pelos poderes europeus nas primeiras décadas do século dezenove, a demanda por trabalho agrário barato nas economias agrárias coloniais foi de encontro ao desenvolvimento de um sistema de trabalho contratual. [...] A prática da escravidão e de contratos trabalhistas, portanto, resultou em diásporas coloniais mundiais (ASHCROFT et al. 1998, p. 69, tradução nossa) [4].

Tal movimento foi responsável por fragmentar e reconstruir muitas identidades ao longo do processo de colonização, sobretudo, pela atuação da ideologia superior e do discurso dissimulado que inferiorizava e ao mesmo tempo baniam sujeitos coloniais. Paul Gilroy (2001, p. 43) percebe essa colocação do império como sendo "[...] as noções redutoras da cultura que

[4] [After the slave trade, and when slavery was outlawed by the European powers in the first decades of the nineteenth century, the demand for cheap agricultural labour in colonial plantation economies was met by the development of a system of indentured labour. […] The practices of slavery and indenture thus resulted in world-wide colonial diasporas].

formam a substância da política racial hoje". Pode-se então dizer que as culturas, sobretudo, as americanas não sejam genuínas, pois:

> Presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência (HALL, 2006, p. 28).

Com o passar dos anos e tendo comunidades complexas em níveis sociais e econômicos, as colônias foram deixando de ser as principais aspirações econômicas do Império, sobretudo, a contar da Revolução Industrial, no séc. XVIII. As leituras que podemos analisar dentro do contexto pós-colonial é que a Revolução Industrial só elevou a sequência da condição de colonização assalariado, marcando não somente a passagem de um sistema artesanal de produção para um de cunho industrial, bem como construindo uma nova forma de ver e pensar o sujeito no processo de deslocamento.

Importa descrevermos que, moldados por essa vertente ideologica os habitantes das colônias tentam se aproximar ao máximo possível, não somente do modo de ver e pensar dos colonizadores, como também, dos próprios países que os colonizara.

A competição entre as potências então acarreta em consequências sérias para o planeta, tanto que, em menos de meio século, o mundo passa por duas grandes guerras mundiais, respectivamente entre 1914-1918 e 1939-1945. Tais fatores dividiram drasticamente o centro, e sua economia entra em colapso a ponto de chegarem a pedir ajuda aos sujeitos coloniais, logo, o sujeito diaspórico nativo foi colocado na condição de escudo dos colonizadores, passaram então a serem percebidos como fortes para atuarem em seus favores na guerra. O Reino Unido, por exemplo, recrutou muitos sujeitos das colônias asiáticas e caribenhas, era chegada a hora da troca de espaço geográfico onde o Sul migrava para o Norte e vice e versa. O que resultou na formação de diversas colônias europeias pela América.

Nas relações diaspóricas, o sujeito não se desloca por vontade própria, e sim por motivo maior. Van Hear (1998) ao estudar as condições das relações

diaspóricas propõe que não somente as condições políticas, conflitos comerciais constroem as diásporas pelo mundo. Para o estudioso, o motivo de toda essa gama de diaspórico continua sendo, em sua maior influência o econômico. Porém, não devemos deixar de mencionar o aumento da violência no local de origem do outro o que resultará, consequentemente, em conflitos internos sociais e culturais, em seu local de origem, acarretando sem dúvida na disparidade econômica entre a terra natal e a terra do Outro, sobretudo aquela que facilita a entrada e permanência desses sujeitos, além da capacitação profissional.

Nessas condições, existem dúvidas acerca de como identificar o sujeito como sendo diáspórico, migrante, imigrante, exilado e outros. Esclarecendo essas dúvidas quanto a essas representações é importante descrevermos que:

> O termo migrante abarca diversos tipos de pessoas transitórias – entre eles estão emigrantes e colonizadores, trabalhadores contratuais temporários, migrantes profissionais, de negócios ou comerciais, estudantes, refugiados e pessoas a procura de asilo político e trabalhadores de fronteiras. (VAN HEAR, 1998, p. 40-41,tradução nossa) [[5]]

É importante pontuarmos que, no século XXI, a representação da palavra diáspora está ligada a uma série de vocábulos que faz referência clara ao termo Diáporas Contemporâneas. Avtar Brah (2002, p.193, tradução nossa)[[6]],) pontua em seus escritos chamando a atenção para o fato de diásporas serem “[...] potencialmente, também lugares de espaços e novo recomeço. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, se reagregam e se configuram” . Logo, ainda segundo a estudiosa, palavras como migrante, imigrante, expatriado, refugiado, exilado, trabalhador contratual compõem o signo diáspora.

Tais sujeitos deslocam-se, porém, os laços nacionais ficam amarados em seus locais de origem, o que faz com que percebam o deslocamento não como definitivo, e sim um período transitório, pois “Cada um desses

[[5]] [The term migrant encompasses diverse types of transient people – among them permanent emigrants and settlers, temporary, contract workers, professional, business or trader migrants, students, refugees and asylumseekers, and cross border commuters] (VAN HEAR, 1998, p. 40-41).

[[6]] [diáspora are also potentially the sites of hope and new beginnings. They are contested cultural and political terrainswhere individual and collective memories colide, ressemble and reconfigure]

componentes envolve graus de escolhas e coerção e estão convencionalmente representados como movimentos voluntários ou involuntários" (VAN HEAR, 1998, p. 41, tradução nossa)[7]. Tal característica gera conflitos diversos uma vez que os deslocados carregam consigo suas ideologias, o que acaba de certa forma sendo uma barreira entre o outro e o Outro. Ainda há que se descrever que alguns dos deslocados têm arbitrariedade em escolher o local a se dispersa, por exemplo, aquele que quer uma melhor condição econômica optam por locais em que os aspectos sociais o beneficiará, porém, ao mesmo tempo que pensa em seu crescimento ele se depara com a condição de sua família que normalmente fica em seu país de origem, o que causa-lhes sérios conflitos com ele próprio.

Por outro, aqueles que se dispersam tencionando fuga de guerra, não lhes é oferecida nenhuma opção, ou ele foge ou morre de fome ou pelos conflitos constantes. É importante descrevermos que em termo global, os países são considerados protegidos e respaldados por Leis que dizem respeito a todos os cidadãos, um exemplo disso está na Carta das Nações Unidas, assinada no dia 26 de junho de1945, na cidade de São Francisco, após o encerramento da Conferência das Nações Unidas que discutia sobre Organização Internacional. Vigorando a contar de 24 de outubro do mesmo ano. No capítulo – I: Objetivos e princípios é apresentado que:

> Os objectivos das Nações Unidas são:
> 1. Manter a paz e a segurança internacionais e para esse fim: tomar medidas colectivas eficazes para prevenir e afastar ameaças à paz e reprimir os actos de agressão, ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos, e em conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajustamento ou solução das controvérsias ou situações internacionais que possam levar a uma perturbação da paz;
> 2. Desenvolver relações de amizade entre as nações baseadas no respeito do princípio da igualdade de direitos e da autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal;
> 3. Realizar a cooperação internacional, resolvendo os problemas internacionais de carácter económico, social, cultural ou humanitário, promovendo e estimulando o respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião;

[7] [Each of these components involves degrees of choice and coercion, and are conventionally portrayed as voluntary or involuntary movements] (VAN HEAR, 1998, p. 41)

> 4. Ser um centro destinado a harmonizar a acção das nações para a consecução desses objectivos comuns. (ONU, online 2020)

Contudo, o que mais chama a atenção diante de tantas providências é que o número de diaspóricos, sobretudo, refugiados vem aumentando de forma desordenada nos últimos anos, bem como o número de migrantes em situação irregular, "[...] tornou impossível manter as velhas restrições das viagens ou emigração por trabalho e povoamento" (COHEN, 1998, p. 162, tradução nossa) [[8]]. Um exemplo desse retrato é o número de Sírios e Venezuelanos dispersos pelo mundo. De acordo com o relatório da ONU, o total de sujeitos dispersos pelo mundo já é o maior registrado, passa de 70 milhões, desse total, quase 26 milhões são considerados refugiados pelos padrões do Acnur (ONU, online, 2020).

É importante descrevermos que a diáspora contemporânea pode ser também uma representação das condições de sedução do sujeito, para com os avanços tecnológicos, sobretudo aquele que diz respeito à comunicação. É comum publicarmos facilidade de chegar ao Espaço do Outro de forma rápida e com mais economia. Logo se o fator distância se restringia em viajar por longas horas em navios, esse conflito foi quebrado com o avanço tecnológico. Kotkin (1992) fala da formação de inúmeras comunidades de diaspóricos:

> Como as barreiras convencionais de estados-nações e regiões se tornam menos significativas sob o peso das forças econômicas globais, é provável que os povos dispersos – e seus negócios mundiais e cadeias culturais – irão gradualmente moldar o destino econômico da humanidade (KOTKIN, 1992, p. 253, tradução nossa) [9]

O movimento diaspórico só cresceu, entretanto, não acompanhou a circulação de capital, produtos de serviços gerados pela globalização (Van HEAR, 2008). Apesar de todo esse avanço tecnológico e econômico, é comum nos depararmos com pessoas, ainda hoje morrendo nos mares e estradas para chegarem ao espaço do Outro.

[[8]] [it became impossible to maintain the old restrictions on travel or emigration for work and settlement] (COHEN, 1998, p. 162)

[9] [As the conventional barriers of nation-states and regions become less meaningful under the weight of global economic forces, it is likely such dispersed peoples – and their worldwide business and cultural networks – will increasingly shape the economic destiny of mankind]

Um caso emblemático desse conflito aconteceu em setembro de 2015, quando Aylan Kurdi, criança Síria de 3 anos, seu irmão e sua mãe morreram afogados durante a travessia da Turquia para a Grécia. O pequeno corpo estirado ao chão serviu como uma bandeira de repúdio à tragédia que diuturnamente acontece com refugiados do Oriente. O acontecimento faz referirmo-nos às considerações de Cohen quando fala da territorialização de cada identidade social que, para ele

> O que os nacionalistas do século dezenove queriam era um "espaço" para cada "raça, uma territorialização de cada identidade social. O que eles têm, em vez disso, é uma cadeia de cidades cosmopolitas e uma crescente proliferação de identidades subnacionais e transnacionais que não podem ser facilmente contidas pelo sistema dos estados-nações (COHEN, 1998, p. 175, tradução nossa) [10].

Desta forma, situar o Outro no espaço do Outro, ainda que seja pelas entrelinhas da marginalização não é uma tarefa fácil, porém, ao referirmo-nos acerca do sujeito que se desloca e a evolução do espaço do Outro, percebemos que estamos tratando de condições comuns, uma vez que um se beneficia das intenções do Outro, é quando sérios conflitos sociais começam a aparecer. Cohen (1998), estudando as considerações de Perlmutter (1991), propõe que o mundo está estruturado de forma vertical e horizontal, sendo que no bloco vertical estão os estados cobiçados e detentores de poder, enquanto que, na horizontal, estão asseguradas as comunidades que aspiram pelo espaço firme das comunidades verticais. A consequência disso são conflitos locais diversos.

O sujeito envolvido no processo da diáspora, antes de qualquer coisa, cria uma barreira inicial com o habitante da terra diasporizada. Safran lembra que estas questões podem ser divididas em dois polos absolutos. O primeiro deles está relacionado à manutenção da cultura diaspóricas, logo entendemos que, de acordo com Fanon (1995)

---

[10] [What nineteenth-century nationalists wanted was a "space" for each "race", a territorializing of each social identity. What they have got instead is a 53 chain of cosmopolitan cities and an increasing proliferation of subnational and transnational identities that cannot easily be contained in the nation-state system] (COHEN, 1998, p. 175,).

> Cultura é um essencial elemento da história de um povo. Cultura é, talvez, o produto desta história assim como a flor é o produto de uma planta. Como a história, ou porque ela é história, a cultura possui como material base o nível das forças do produto e o modo de produção (FANON, 1995, p.160) [11]

Neste contexto de força e reprodução poderíamos descrever como referência o surgimento e a aperfeiçoamento das danças africanas no Brasil. Como exemplo disso, temos o samba, que se configurou no estado do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1910 e 1920. Sobre essa discussão, Sodré (1998) afirma que:

> O que pretendemos mesmo é indicar como um aspecto da cultura negra – continuum africano no Brasil e modo brasileiro de resistência cultural – encontrou em seu próprio sistema recursos de afirmação da identidade negra. E implicitamente pretendemos rejeitar os discursos que se dispõem a explicar o mesmo fenômeno, o samba, como uma sobrevivência consentida, simples matéria-prima para um amálgama cultural realizado de cima pra baixo. (SODRÉ, 1998, p. 10)

Hoje, é possível referirmo-nos ao samba como uma identidade nacional, entretanto, tal identidade nacional carrega consigo a ancestralidade africana pelos brasileiros, a qual havia sido rompida brutalmente pelos aparatos discursivos e ideológicos da colonização. Tanto que a negra é colocada em evidência como sujeito capaz de representar tal movimento cultural, dessa forma, podem até não representar propriamente a imagem da África, mas, por algum momento, estão recriando de maneira em que permaneça atuante em um país que não é seu.

Desta forma, opondo-se as recriações e os costumes da terra natal, alguns diaspóricos tendem a misturarem-se com os nativos, a consequência disso será a perda de sua identidade e, a tentativa de absorver a cultura local, alguns, inclusive “[...] acabam se casando com os habitantes locais e, aos poucos, desaparecem como um grupo étnico separável” (COHEN, 1998, p. 24, tradução nossa). [12]

---

[11] [Cuture is an essencial element of the history of a people. Culture is, perhaps, the product of this history just was the flower is the product of a plant. Like history, or because it is history, culture has as its material base the level of the product forces and the mode of production.]
[12] [may intermarry with the locals and slowly disappear as a separable ethnic group] (COHEN, 1998, p. 24).

Essas manifestações fazem partes das complexas identidades desenvolvidas pelos sujeitos, tanto que muitos o percebem como sendo opcional o isolamento.

Por outro lado, é verdade que o encontro de culturas distintas em um mesmo espaço pode gerar sérios conflitos sociais, possivelmente essa é uma das razões pelas quais muitos grupos se isolam. Por outro lado, em alguns aspectos a condição do isolar-se pode torna-se positivo. COHEN (1998, p. 24, tradução nossa) fala que "[...] a tensão entre uma identidade étnica, uma nacional e uma transnacional é geralmente criativa e enriquecedora"[13] Podemos descrever, por exemplo, as manifestações culturais europeias que se desenvolveram na região sul do Brasil e, hoje são consideradas heranças culturais como a October fest, por exemplo. E, principalmente o axé, no Estado da Bahia. Gilroy (2001, p. 48) fala que "[...] o ingresso dos negros na vida nacional foi, em si mesmo, um fator poderoso que contribuiu para as circunstâncias nas quais se tornou possível a formação dos estudos culturais e da política da Nova Esquerda".

Dada as complexas características associadas às relações de diásporas enfatizamos que com a abrangência do vocábulo em questão, aos poucos torna-se quase um desafio definir o que seja tal deslocamento de fato. O que é evidente neste contexto é que a diáspora deixou de ter uma conotação apenas negativa, uma vez que hoje, ainda que sem dinheiro, muitos imigrantes podem fazer escolhas acerca do local em que desejam, porém, ao cruzarem suas fronteiras se depararão com novos conflitos culturais, ou multiculturais. É o que veremos na próxima seção.

1.2. CULTURA E MULTICULTURALISMO

Descrever acerca de multiculturalismo não é fácil, uma vez que "[...] defini-lo com precisão, é tarefa bastante arriscada, fadada ao insucesso [...]" (GONÇALVES; SILVA, 1998, p.19). Diversas áreas do conhecimento humano se debruçam neste campo de pesquisa com propósito de desenhar uma forma

[13] [The tension between an ethnic, a national and a transnational identity is often a creative, enriching one].

simples e dinâmica do que seja o multiculturalismo. Entretanto, para sustentar suas vertentes estas deparam-se com uma representação em comum, o conceito de cultura. Williams (1969, p. 58) representa cultura como sendo “um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual”. Nos estudos de Stuart Hall a cultura passa a ser defendida como

> Um processo original e igualmente constitutivo, tão fundamental quanto à base econômica ou material para a configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos e não uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento (HALL, 2003, p.26).

O conceito de cultura abraça as razões específica de um momento, logo, este não deixa de ser o reflexo de tradições e costumes de povos diversos, a conjeturar seu período, frente à fase de desenvolvimento social e cultural de sua época, por isso, não somente o conceito, mas a própria representação do que seja uma cultura passa a ser uma visão reciproca do sujeito diante do outro. As expressões culturais estão presentes nas manifestações artísticas, ideológicas, linguagens, costumes, deixando de lado o propósito de um simples conceito e, assumindo a concepção de representação identitária do ser, logo, as identidades unificam as culturas.

Não existe um local específico para ilustrarmos como sendo um modelo representante de cultura, uma vez que esta se materializa em todos os grupos, seja este minoritário, ou não. Porém, é importante falarmos que este primeiro grupo, o minoritário, só passou a fazer parte do grupo social no início do século XX, quando houve um crescimento nesta cultura de minoria. Logo, essas vozes consideradas de segunda categoria passaram a ser representadas ganhando significados étnicos, social, religioso e moral que por muitos séculos foram colocados à condição de margem. Mas, à proporção que suas manifestações eram descritas como integra na sociedade, a imagem pejorativa atribuía rótulos negativos para a chamada cultura de minoria. Para entendermos essa condição, é necessário compreendermos particularidades que aos poucos foram superadas, pois:

> Em primeiro lugar está a vulnerabilidade jurídico-social, considerando-se que o grupo dito minoritário não é

> institucionalizado pelas regras do ordenamento jurídico-social vigente. É, assim, “vulnerável”, diante da legitimidade institucional e diante das políticas públicas. Donde, sua luta por uma voz, isto é, pelo reconhecimento societário de seu discurso. Em segundo lugar, a identidade *in statu nascendi*, porque do ponto de vista de sua identificação social, a minoria apresenta-se sempre in na condição de uma entidade em formação e que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes. Mesmo quando já existe há muito tempo, a minoria vive desse eterno recomeço. Outra característica é a luta contra-hegemônica, pois uma minoria luta pela redução do poder hegemônico, embora em princípio sem objetivo de tomada do poder pelas armas. Nas tecnodemocracias ocidentais, a mídia é um dos principais “territórios” dessa luta. Há inclusive o risco de que as ações minoritárias possam ser empreendidas apenas em função de sua repercussão midiática, o que de algum modo esvaziaria a possível ação no nível das instituições da sociedade global. E finalmente, as estratégias discursivas, considerando-se que as estratégias de discurso e de ações demonstrativas (passeatas, invasões episódicas, gestos simbólicos, manifestos, revistas, jornais, programas de televisão, campanhas pela internet) são os principais recursos de luta atualmente (PAIVA, 2015, p. 1 – 2).

As lutas pelas classes e culturas minoritárias foram e são de fundamental importância para compreendermos como os grupos se representam e como seu aspecto cultural constrói neles características de sujeitos atuantes na sociedade, suavizando identidades estereotipadas ou mesmo, construindo identidades ainda anônimas dos sujeitos. Assim, as representações das identidades estarão em processo de politização do sujeito que passará a ser aceito como um ser diferente do outro, tornando-o autônomo, detentor de suas verdades e não um mero apreciador das verdades do outro.

Por essa razão, sua representação universal determina que cultura compreenda todo o aparato de crenças existentes, ou não existente de um povo, ou seja, cultura é tudo aquilo que a sociedade constrói, acredita e vive. Por esta razão, a cultura é responsável por da existência a povos como em um conceito chamado de multiculturalismo, interculturalismo que absorve aspectos culturais, sobretudo de sujeitos diaspóricos, imigrantes e entre outros, que contribuem para a formação, ou construção de uma cultura em um período específico. Porém, o maior desafio consiste em criar meios que possam da aceitação para esses sujeitos que se deslocam. É importante frisarmos que o multiculturalismo em sua essência

> [...] não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma força disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (HALL, 2003, p. 52-53).

É justamente a condição de estratégias políticas inacabadas que demarcou o movimento multiculturalista, no final do século passado e início deste século, é fato que "[...] o problema da diversidade cultural no centro dos debates políticos de sua época, produz hiatos e descontinuidades na forma como as Ciências Sociais apresentam a sociedade a qual estudam." (GONÇALVES e SILVA, 1998, p. 22)" é importante descrevermos que neste campo de apresentação social, há uma tendência forte ao etnocentrismo de cada cultura, ou seja, surge uma imagem desvirtuada da realidade social, onde os sujeitos tendem a considerar o seu grupo étnico, as ideologias, as linguagens, a convicção política, ou ainda, a classe social mais digna de representação social que as outras existentes. É desta condição que surgem os estereótipos e marginalizações daquelas pessoas apresentadas como diferentes ao meu grupo social.

Tal postura de discriminação pelas diferenças fortalece as discursões sobre o multiculturalismo que ganha visibilidade não somente pelas produções literárias acerca de sua aplicabilidade, bem como, as análises diárias das ações multiculturalistas, e os diversos entendimentos acerca dela. Segundo HALL (2003, p. 51), "[...] O 'multiculturalismo' é um termo valise que se expandiu de forma heterogênea" logo, não haverá uma definição estática acerca de sua condição.

Um exemplo da apreciação do multiculturalismo, na cidade de Porto Velho, é a forma de aceitar e ajudar a inserir os diaspóricos que deslocam-se para esta cidade, no convívio social, a própria população da capital do Estado de Rondônia é um retrato do que seria uma sociedade multicultural, uma vez que ela seja o campo de vivencia de uma pluralidade de culturas, logo, na maioria das vezes, propiciam aos sujeitos que se deslocam uma oportunidade de serem significados, por meio da representação do respeito às diferenças. Nas Figuras 1 e 2 temos um retrato dessa faceta multicultural, representado por uma aula de português para imigrantes venezuelanos na Paróquia de

Santa Luzia em Porto Velho, bem como uma reunião com os diaspóricos, dialogando acerca de como gostariam de ser ajudados pela população de Porto velho, durante uma reunião para a preparação da Feira culinária com os venezuelanos.

Figura 1: Aula de português para imigrantes venezuelanos na Paróquia de Santa Luzia.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 25 de setembro de 2019.

Figura 2: Reunião para a preparação da Feira culinária com os venezuelanos.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 07 de novembro de 2019**.**

As intenções multiculturais dentro das perspectivas de inserir o sujeito na sociedade do Outro visibilizado, materializado nas Figuras 1 e 2, carregam as intenções em que as minorias sejam ouvidas e atuantes na sociedade. GONÇALVES e SILVA (2004) desenvolvem esse pensamento, não como um

> jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades em que vivem (GONÇALVES e SILVA, 2004, p. 9 - 10).

Por esta razão, uma pesquisa que visa o reconhecimento e humanização das minorias, com suas abordagens culturais, repudia as pressuposições ideológicas na qual os membros de uma comunidade minoritária deveriam simplesmente incorporar a cultura dominante. Por isso, conforme HALL (2006, p. 62) "[...] as nações modernas são, todas, híbridos culturais [...]", ainda, o autor já apresentava a concepção na qual, compete ao multiculturalismo:

> Descrever as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo que retêm algo de sua identidade original (HALL, 2003, p. 52).

É importante descrever também que multiculturalismo pode ser entendido como um sistema de políticas públicas assumidas por governantes diversos com proposito de dirigir os causos gerados pela presença do diferente dentro do espaço cultural que o sujeito assimila. Por isso "[...] o multiculturalismo desde sua origem aparece como princípio ético que tem orientado a ação de grupos culturalmente dominados, aos quais foi negado o direito de preservarem suas características culturais" (GONÇALVES e SILVA, 2004, p. 17). Nesse caso, tomado pelas abordagens multiculturalistas, os programas governamentais deveriam amparar as manifestações identitárias, por meio do respeito às diversidades e diferenças.

Não indiferente ao que foi proposto, Boaventura de Sousa Santos e João Arriscado Nunes (2004, p. 3) corroboram em sua visão de multiculturalismo como a materialidade e "existência de uma multiplicidade de culturas no mundo, coexistência de culturas diversas no espaço de um mesmo Estado-

Nação e existência de culturas que se interinfluenciam tanto dentro para além do Estado-Nação" sendo, nesta perspectiva, "projeto político de celebração ou reconhecimento dessas diferenças".

Desta forma, tencionando igualar as culturas surgiradas de alguns programas de acessibilidade do sujeito na chamada "cultura minoritária," como cotas nas universidades, concursos públicos, etc. No entanto, assegurado por essas condições impostas pelos programas que viriam a igualar a sociedade, percebemos uma condição subversiva na qual há um problema de inclusão destas minorias, inclusive, reconhecido pelos governantes.

Não há como definirmos um tipo específico para representarmos o que seja o multiculturalismo. Semprini (1999, p. 134 -143) apresenta em sua pesquisa quatro tipos de lugar multicultural: no primeiro, o modelo político liberal clássico, o indivíduo é visto sem restrição no campo da região pública, e as suas manifestações ideológicas-culturais ficam restritas a seu ambiente privado; no segundo, o paradigma liberal multicultural (KYMLICKA, 1996) afirma que os grupos se destacam e tornam-se mediadores entre domínios públicos e privados. No terceiro, o modelo multicultural "maximalista" defende a separação total entre os grupos, assegurando sua própria autonomia política e social; por fim, o quarto, multiculturalismo combinado, tencionando gerenciar as diferenças entre os grupos.

Não diferente aos estudos de Semprine (1999), Hall (2003, p. 53), em uma visão mais contemporânea, propõe algumas definições de manifestações multiculturais, tais como: o conservador (exige a assimilação da diferença às tradições e costumes da maioria), o liberal (tenta associar as minorias à maioria, tolerando práticas identitárias somente no domínio privado), o pluralista (garante direitos às distintas minorias), o comercial (no qual bastaria o reconhecimento público da existência das minorias), o corporativo (administra as minorias a partir dos interesses da maioria) e, por fim, o crítico ou "revolucionário".

Porém, mesmo com os estudos acerca deste tema, o multiculturalismo passou e passa por profundas críticas. É de conhecimento que evidências nas diferenças associadas às políticas de reconhecimento são uma das razões possíveis que podem alimentar a automarginalização das minorias. Além disso, o sentimento nacionalista que cada sujeito carrega consigo o destina a uma

sociedade, costumes, geografia, governo e Leis próprias. Assim, o sentimento de não pertença a uma comunidade em que está inserido poderá torná-lo um sujeito fechado em seu mundo.

Se os grupos se distanciam, pode-se acabar rompendo as estruturas do círculo social que é crucial para se atingir a vivência em comum, o que poderá fazer com que as pessoas não se representem como sendo membro de determinado Estado, País, mas sim se signifiquem por unidades menores a ser definida pela cor da pele, ideologias entre outros. Gonçalves e Silva (2000, p. 138) enfatizam que:

> [...] foi nesse contexto de mudanças sociais, favorecedor de estratégias de mobilidade social, que emergiram os primeiros movimentos de protestos dos negros com o formato de um ator coletivo moderno, que se constrói na cena política, lutando contra as formas de dominação social. (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 138)

Assim, o multiculturalismo apresenta uma crítica de ter construído uma ideologia que reza para um impacto social contrário ao que se tencionava. Os movimentos políticos que abraçam a questão das diferenças, em alguns aspectos, em vez de originar a união entre os grupos, irritou o ódio, distanciando a coletividade multicultural. As diferenças sociais sempre foram e, provavelmente, por muito tempo serão uma característica gritante da estrutura social, não somente do Brasil, mas, de muitos países em movimento, por isso, suas barreiras sempre serão quebradas com muitos conflitos, inclusive, o físico. Sobre isso, Hall (2006, p. 59), lembrar que em uma sociedade multicultural:

> Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 59).

Porém, como forma de mostrar esse conflito multicultural, Cantle(2012, p. 53) deixa claro que a ideia pejorativa atribuída surge com a necessidade de políticas públicas que prezem pelas diferenças, ao mesmo tempo em que promova a igualdade conforme a organização social de cada grupo. O autor critica as ações multiculturais a ponto de falar que o multiculturalismo:

> Não conseguiu entender como as sociedades complexas se transformaram, e não apenas em um sentido físico: o impacto da internet, o impacto das mídias sociais, o impacto de conexões virtuais, nenhuma das quais foi absorvida pela nossa compreensão (CANTLE, 2012, p. 474).

São por existir essas críticas ao Multiculturalismo que alguns estudiosos voltam seus olhares para as novas perspectivas de estudos que abracem os movimentos culturais, encontrando solução na vertente do interculturalismo para explicar a diversidade humana. É o que será visto na seção abaixo.

1.3 O INTERCULTURALISMO E A DIVERSIDADE HUMANA.

Compreender a dinâmica conceitual de interculturalismo é entender que, enquanto membros de uma sociedade contemporânea, estamos condicionados a:

> [...] mudanças profundas que ainda não somos capazes de compreender adequadamente é cada vez mais aguda. Para muitos intelectuais e atores sociais, não estamos simplesmente vivendo uma época de mudanças significativas e aceleradas, e sim uma mudança de época [...] (CANDAU, 2005, p.45).

A estrutura social do final do século XX e início do século XXI viu-se obrigada a se adaptar com as grandes mudanças e, sobretudo, com o advento da globalização, modificando e encaixando as chamadas condições econômicas locais e regionais, em escalas mundiais, as informações surgidas com o advento das novas tecnologias, sobretudo, com a internet e, mais específico, as redes sociais.

O fato é que a tecnologia apresentou e, ao mesmo tempo, aproximou das inúmeras sociedades novas classes minoritárias que, aproveitavam-se dessas vozes virtuais para repudiarem suas degradantes condições de vida, criando uma nova ideologia para a sociedade cada vez mais conectada, a ponto de nos questionarmos se:

> Será que estamos vivendo hoje um deslocamento de ênfase? Alguns autores talvez vão mais longe, chegando a afirmar que, nessa busca ou nessa crise de paradigma que estamos vivendo na sociedade atual, também a questão dos direitos humanos fica de alguma forma em questão e precisa ser

> ressignificada. Certamente todos estamos de acordo em afirmar que os direitos humanos são uma construção da modernidade e que estão profundamente impregnados com os processos, os valores, as afirmações que a modernidade propôs/propõe, legou-nos e continua instigando-nos a realizar. Vivemos imersos no seu clima político-ideológico e cultural. E, no entanto, para muitos autores essa construção está em crise no novo contexto cultural, social e econômico, marcado pela globalização, pelo impacto das novas tecnologias, pela construção de novas subjetividades e mentalidades, por esse mundo complexo que muitos autores chamam – por mais ambíguo que este termo seja – pós-modernidade (CANDAU, 2005, p.46).

Entender as condições do multiculturalismo é debruçar-se, em quase tudo, nas questões diaspóricas, raciais, ideológicas, étnicas etc. Por isso, uma demanda de minorias desconhecidas passou a adquirir voz e vez e se significou na sociedade, por meio do discurso virtual, o que provocou seu encaixe e reconhecimento enquanto comunidade, além de mudanças nas condições de reconhecimento sustentadas pelos Estados, no que se refere ao reconhecimento de uma minoria e o abrir espaço na sociedade para novos grupos.

Todos esses aspectos não passaram despercebidos pelas críticas que viam o Estado como sendo um exemplo de espaço sem identidades, em outras palavras, reconhecer essas novas minorias é colocar em risco a própria configuração de Estado-Nação, afinal, levados pelas considerações de Pierucci (1999):

> Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato [...], mas somos também diferentes de direito. É o chamado “direito à diferença”, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. The right to be different!, como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros. (PIERUCCI, 1999, p. 7)

É na iminência de promover o direito da coletividade respeitando as diferenças que as práticas interculturais tomam postura na esfera social, assim, é valido que “a proposta intercultural surge, principalmente, a partir do vazio deixado pelo multiculturalismo. Visa à superação dos horizontes da tolerância e das diferenças culturais e a transformação das culturas por processos de interação” (DAMÁZIO 2008, p. 76). Podemos então perceber onde o multiculturalismo e o interculturalismo tornam-se divergentes.

Entendemos que, enquanto o multiculturalismo se ocupava em reconhecer as diferenças, aceitar e configurar suas existências, o interculturalismo vai mais além, não só reconhece as diferenças, como também, tenta integrar essas diferenças nos contextos sociais. Assim, não se ocupa diretamente em saber da existência de grupos marginalizados e sim, integrar sociedades minoritárias e majoritárias, sem perder a essência do respeito às diferenças, uma vez que estas sempre haverão de existir.

Por meio do interculturalismo as classes minoritárias serão levadas a ter as mesmas importâncias identitárias e culturais que as classes majoritárias, é onde as barreiras começam a serem quebradas ocasionando um hibridismo cultural. Para o antropólogo contemporâneo Nestor García Canclini, hibridismo cultural passa a ser um fenômeno que não possui uma identidade fixa, em outras palavras, o descolecionamento, pelo fato de seu aparato cultural não possuir um repertório único e ser moldado e conduzido de acordo com a tendência e estrutura cultural do momento.

Nestas perspectivas, interagir socialmente, tendo como condição ideologias independentes, não seria prejudicar a identidade do outro, e sim enriquecê-la, já que a cultura se fortalece à medida que o sujeito sai de seu mundo homogêneo e passa a explorar o mundo heterogênico que aparentemente estava distante de sua realidade, pois “As tecnologias de reprodução permitem a cada um montar em casa um repertório de disco e fitas que combinam o culto com o popular” (CANCLINI, 2003, p. 304). Neste caso, podemos constatar também a predominância do gostar de algo cultural, pela necessidade momentânea, ou seja, o aparato ideológico fará com que eu veja o minoritário como contribuinte na minha sociedade, ou simples imposição da mídia.

A imagem intercultural fará compreendermos que, não é por que o sujeito vive em um espaço periférico que vai se distanciar do aparato urbano, a cultura é introduzida e apresentada a todo tipo de homem, entretanto, este deve escolher qual o melhor momento para se assumir e enriquecer seu estilo cultural. Neste caso, estamos nos deparando com o que Canclini (2003) chama de “agonia das coleções”, pois o interculturalismo passa a assumir uma postura híbrida e não há espaço para uma única cultura, e sim, culturas que se mesclam, e se fortalecem de acordo com o espaço e momento vivido.

Entretanto, fazemos o seguinte questionamento: Será que existe um momento para a classe minoritária romper as fronteiras do majoritarismo? É importante lembramos que as identidades são múltiplas e compostas por várias esferas sociais e contextos ideológicos o que leva o minoritário a se ver no majoritário e vice e versa, em movimentos que Canclini (2008) chama de Desteritorialização e Reterritorialização.

Para o autor, desterritorialização, é a forma encontrada pelo sujeito de um determinado espaço de deixar um pouco de lado seu aparato identitário, mostra ainda o autor, que, ao se desterritorializar o sujeito passa por um processo de “[...] perda de relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais” (CANCLINI, 2003, p. 309).

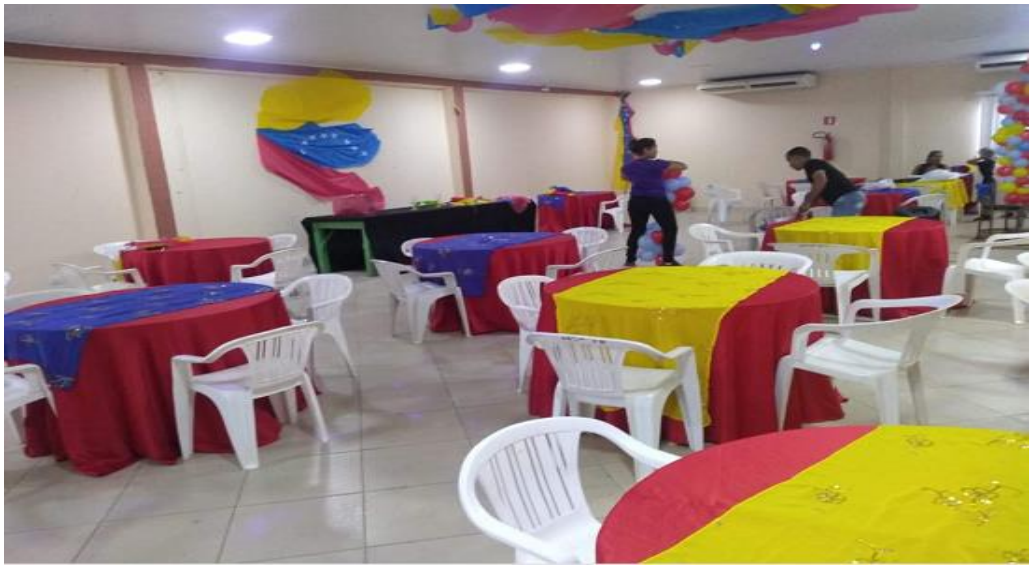
Quando o ser se desterritorializa ele pretende abandonar a sua cultura etnológica em razão de outra, geralmente com um padrão financeiro e social mais elevado, “Não é por acaso que a reflexão mais inovadora sobre a desterritorialização esteja se desenvolvendo na principal área de migração do continente, a fronteira do México com os Estados Unidos”.

Para Cantle (2012, p. 142-175), um dos grandes críticos dessa vertente, o interculturalismo vai além da função de ser a porta de entrada para novas culturas, uma vez que sua atuação se estenda às estruturas sociais e políticas, abraçando não apenas as diferenças sociais, mas ampliando-se a toda a sociedade, que vem sendo reconhecida por seu potencial de superdiversidade. Por isso, as relações interculturais se atrelam a posturas de atitudes, não só da forma como vejo o outro, mas da própria vivência em si, não havendo mais o realce em coletividade separada e individualizada, mas sim significando-se como membros humanos de uma única comunidade. Isso tornaria o desenvolvimento da nação resultante pela contribuição de todas as classes.

É fato que a leitura intercultural propiciará ao sujeito uma interação entre cultura nativa versus cultura do outro. Canclini (2008, p. 326) chama tal fenômeno de ação de se desterritorializar, pois o sujeito passa a assumir costumes fragmentados ao viver uma cultura de acordo com a perspectiva do Centro. É assim que as experiências dos sujeitos levam os estudiosos a caracterizar esse processo de mudança como interculturalismo, logo ele se alimenta com a ideologia do outro passando a vê-la como sua também. Importa falarmos que na "desterritorialização, seu sentido se constrói também em conexão com as práticas sociais e econômicas, nas disputas pelo poder local, na competição para aproveitar as alianças como poderes externos" (CANCLINI, 2008, p. 326).

Assim, na difícil missão de se encontrar como membro de outra cultura o homem se torna íntegro e não costuma mais distinguir classe minoritária e majoritária. Por esta razão, as inclusões interculturais envolvem uma mudança de paradigma, não somente de conhecer a cultura do outro, mas de socialização cultural. As Figuras 3 e 4 representam esse cenário na cidade de Porto velho, durante um evento cultural venezuelano.

Figura 3: Evento organizado pelos venezuelanos com o apoio da comunidade portovelhense .



Fonte: arquivo pessoal do autor, em 15 de dezembro de 2019.

Figura 4: Culinária venezuelana.

Fonte: arquivo pessoal do autor, em 15 de dezembro de 2019.

Vimos que esta ação se concretizou por meio do diálogo entre grupos ao promoverem uma atividade coletiva que buscava pontos que atenuava a necessidade de todos, no caso, os brasileiros tencionavam conhecer a culinária e a cultura venezuelana e os venezuelanos a vender seus produtos. Neste ato, não existe o realce em coletividade distinta, uma vez que o evento foi aberto ao público, logo, há o sentimento de pertença a uma cultura apenas, pois

> As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e” como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2005, p. 109)

Não é que as culturas passem a ser desconhecidas do ambiente social, mas a ênfase empregada pelo interculturalismo reza para as ações que elas formam em conjunto, quebrando a imagem de cultura segregada em um contexto de reterritorializar-se, ou seja, é a busca por resgatar seu aparato social que aos poucos foi camuflado pela modernidade. Canclini (2003, p. 309) mostra igualmente que é ir à busca de “certas localizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”. Por isso, pode-se perceber

que, enquanto na desterritoralização eu alimento minhas origens com outras ideologias, na reterritorialização eu não só procuro buscar esse território meu, como quero mostrar e expor como sendo útil e também um modelo de cultura a ser aceito. É onde o sujeito usa diversos discursos para fomentar essa cultura que transcende de si.

A desterritorialização e territorialização não constroem ideologias nas comunidades consideradas minoritárias, como por exemplo, os diaspóricos que julgam que devem ser introduzidos a cultura do espaço onde se reside. Outro fato é que, em vez de abandonar a cultura de origem, essa deve ser somada para fortalecer a cultura do país em que vive. Rattansi (2011, p. 153), afirma que o interculturalismo é responsável por humanizar o outro, uma vez que traz uma “conexão, interação e entrelaçamento entre as crenças, práticas e estilos de vida dos diferentes grupos étnicos (não separados) como parte de culturas nacionais que estão em constante fluxo”. Sendo assim, para a configuração de uma sociedade cultural e democrática, podemos destacar que o interculturalismo interfere como uma possível compreensão aos anseios enfrentados pelas classes.

A estrutura social é composta por ambientes multiculturais e aspectos indefiníveis, no qual expõem novas interpretações acerca da vidência coletiva em um momento específico. Por essa razão, acreditamos serem as condições interculturais como a forma de rompimento das barreiras culturais do outro, atrelando-se a reconstrução sociocultural identitárias, seguindo as perspectivas de Fleuri (2001).

A interculturalidade, portanto, funciona como um elo de configuração da existência e significação do sujeito social, ao ponto que linguagem, sociedade e cultura significam a existência do ser humano, de forma que a língua não só serve para reproduzir a fala, bem como ela representa e cultura e todas as etapas de enriquecimento sociocultural.

1.4 REDES DE MIGRAÇÃO

Para compreendermos algumas condições de deslocamentos é necessário refletirmos, igualmente, acerca das dispersões dos sujeitos no novo espaço e as condições que os levam a deslocarem-se, os rumos que tomam,

os laços afetivos ou de simpatia por determinado lugar. É importante lembramos que, para discorrermos acerca destas condições, faz-se necessário refletirmos sobre a territorialização e as proposições que permitem as articulações em rede. Por isso, todo deslocamento deve ser contextualizado e, neste ato histórico, evidenciar as incoerências, as resoluções, o deslocamento, e os laços existentes no espaço a qual se quer chegar, ou seja, onde as redes podem estar operando.

No que se refere ao território de chegada dos diaspóricos e refletindo as considerações de Haesbaert (2006), podemos evidenciar que muito mais do que ser uma porta de entrada, um “porto seguro” no espaço do outro, estas portas podem ser um canal por onde circulam a memória, as ideologias, o pertencimento, a representação familiar, a afetiva e de amizade, entre outros. O fato é que o sujeito deslocado em todas as circunstâncias carregará consigo as identidades do seu território de origem, inclusive, são as origens que dão vitalidade e sustentam as condições das redes. Por isso, o autor afirma que “[...] territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT 2004, p. 280).

Por esta razão, manifestar seu aparato ideológico e cultural no novo espaço sempre será uma das características dos deslocados. A diferença nessas condições estará no tipo de rede, ou seja, os sujeitos é que materializam essa rede situando-a no espaço e tempo determinado. Haesbaert (2004) já destacava essas condições quando estudava a importância da rede de regionalismo na construção das ideias sobre a desterritorialização rio-grandense do sul, em regiões como o Litoral nordestino brasileiro. A proposta nesse estudo foi de entender os movimentos de deslocamentos e as condições culturais mantidas com seu estado de origem. Por isso, quando falamos que uma rede pode ser considerada desterritorializada, devemos levar em consideração, as possibilidades de subversão de papeis, uma vez que esta pode se tornar a essência da própria reterritorialização, sobretudo pelas condições dos choques culturais e a absolvição cultural durante o processo de deslocamento. Assim,

> Mesmo que tenhamos apenas a sobrevivência de referências territoriais puramente simbólicas, e que estas se reportem não a territórios particulares (como o Estado nação ou a região de origem), mas aos múltiplos territórios ou à própria dispersão (territórios dispersos) que compõem o grande território-rede da diáspora, ainda assim devemos falar num tipo muito próprio de reterritorialização, uma territorialização múltipla, na dispersão, articulada em rede, "com ou no movimento" (inerente à diáspora) e altamente simbólica – em outras palavras, uma multiterritorialidade em sentido estrito (HAESBAERT, 2006, p. 356).

A condição dos deslocados em redes nem sempre pode ser considerada uma experiência integrada, mas o que vai possibilitar esse cenário são as formas de organização de chegada dos diaspóricos, imigrantes ou deslocados no novo espaço, ou seja, a articulação em redes que, como em um quebra-cabeça, encaixa no meio diferentes eu/nós a serem conectados por meio dos vínculos estabelecidos.

Para se aceitar e viver a dinâmica dos vínculos estabelecidos pela diáspora, imigração ou quaisquer tipo de deslocamento é preciso analisar as circunstâncias do território-rede, seja este de forma material, ou mesmo o imaterial, como aquelas trazidas e concretizadas pelas memórias individuais, ou coletivas dos imigrantes e suas relações com o novo local. É fato que "[...] Uma rede pode ser abstrata ou concreta, invisível ou visível. A ideia básica é considerar a rede como algo que assegura comunicação, mas, por natureza, a rede que desenha os limites e as fronteiras não assegura a comunicação" (RAFFESTIN, 1993, p.156). Assim, a rede materializa a existência do eu imigrante, ou diaspórico, logo, é de fundamental importância aos sujeitos diante da desterritorialização e reterritorialização.

Qual a importância dessa rede na sociedade contemporânea? É compreensível descrevermos que com a globalização as redes de migração ficaram cada vez mais atuantes. A sua influência, cada dia mais constante, tem recebido algumas críticas, pois este recurso pode conectar o sujeito e o aproximar do outro, ao mesmo tempo em que pode estar manifestando indução negativa ao contato físico, ou seja, pode ser visto como um recurso carregado de isolamento e distanciamento. Ao descrever acerca das redes sociais, Requena Santos e Muñoz (2002, p. 74) afirmam que:

> As redes são construídas por conjuntos de sujeitos e das relações entre esses indivíduos. Assim sendo, os elementos essenciais das redes sociais são os sujeitos e suas ligações. Indivíduos e seus vínculos são vertentes que devem direcionar a análise de rede, pois essas vertentes têm suas peculiaridades: os sujeitos têm características, como por exemplo, sexo, faixa etária, profissão, nível cultural, dentre outros; já as ligações entre esses sujeitos têm como características os tipos de relacionamentos, como família, amizade, trabalho, estudo, o período de duração desse vínculo (REQUENA SANTOS e MUÑOZ, 2002, p. 74)

Não há como negar a influência dos círculos de amizade ou familiar para a configuração e o fortalecimento da rede e, quando falamos de migração, essa construção territorial por meio das redes estão estruturadas sobre o tripé interação, comunicação e informação. Não que exista uma condição de subordinação para cada uma destas situações mencionadas, mas é importante ressaltarmos que a informação passa a ser contida pelas relações de poder desempenhadas na interação, em redes. Assim, Milroy e Milroy (1992), no que se refere às redes, chamam a atenção

> Para além do seu valor teórico, uma abordagem de rede tem se mostrado útil no fornecimento de uma metodologia adequada para estudar subgrupos étnicos ou outros na população em situações em que um modelo de classe social [...] é menos prático. [...] A abordagem de rede é mais viável com grupos que são economicamente marginal, impotente ou residente no bairro homogêneo e territorialmente bem definido. Além disso, um forte senso de etnia ou de identidade local, muitas vezes, cria e mantém localizadas normas e sistemas de valores culturais e linguísticos que são apresentados e percebidos como forte oposição aos valores tradicionais de fora (MILROY e MILROY, 1992, p. 06)

Diante do exposto, podemos perceber que todo deslocamento é edificado sob a perspectiva das relações sociais formadas por organizações. Esta ideia pode ser percebida uma vez que, tanto os deslocados quanto os sujeitos oriundos de um espaço possuem suas posições em determinado lugar e se distribuem seguindo, muitas vezes, uma condição de poder, gerando uma diversidade de redes, proporcionando relações, contato, conexão e/ou reorganização envolvendo, portanto, não somente o sujeito fixo, bem como abraçando suas causas. As características do território se firmam na circulação da desterritorialização e reteritorialização, em outras palavras, por meio do

crescimento econômico, político, social e cultural advindo pela territorialização do migrante.

Desta forma, as relações de poder estão presentes na condição de estar fixo e nas intenções de fixar-se "[...] se, por um lado, esse encontro da diversidade dos movimentos representa também a possibilidade de fragilidade das lutas [...] por outro lado, representa um avanço no plano do reconhecimento intersujeitos e interorganizacional" (WARREN, 1999, p. 509). Knoke e Kuklinski (1982, p. 16), ao discutirem acerca das relações de conteúdo nas redes sociais, enfatizam seis causas corriqueiras:

> A primeira são as relações de comunicação – as relações entre os sujeitos são canais através dos quais mensagens de um indivíduo são transmitidas para outro dentro do sistema de comunicação. A segunda são as relações de transação – nesses relacionamentos, os sujeitos controlam as trocas que podem ser físicas ou simbólicas, como por exemplo, aquelas que estão presentes nas relações de compra e venda. A terceira são as relações instrumentais – os sujeitos se relacionam entre si para assegurarem alguns recursos como segurança, bens, serviços ou informações. É o caso das redes que ajudam os indivíduos a conseguirem um emprego. A quarta são as relações sentimentais – são as relações em que os indivíduos manifestam sentimentos de carinho, amizade, admiração e até mesmo de hostilidade. A quinta são as relações de autoridade ou de poder – estas, frequentemente, ocorrem dentro de organizações e instituições, em alguns casos, elas são submetidas a níveis de hierarquia. E, por fim, a sexta são as relações de parentesco e grupos étnicos – essas relações formam um tipo especial de rede social, pois indicam não apenas as posições dos membros na estrutura familiar, mas é compatível com as demais relações mencionadas anteriormente. (KNOKE E KUKLINSKI, 1982, p. 16)

Assim, as relações sociais são as responsáveis pelo processo de desterritorialização, sendo respaldada por tessituras que são materializadas em redes e formando diretamente o cenário do que temos como sendo o espaço. Assim, é importante evidenciarmos o prefixo a ser associado à palavra territorialização, uma vez que desterritorialização provoca diretamente a reterritorialização na inserção do sujeito em outro território, por meio da condição econômica, ideológica, política e, principalmente cultural que se analisam por meio do contato direto entre o imigrante e o não imigrante. Haesbaert (2006, p. 294) afirma que:

> [...] a característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais “interno” ou construtor de territórios, ora de desestruturação, mais, “externo” ou desarticulador de território. (HAESBAERT, 2006, p. 294).

Não há como negar que os migrantes são os responsáveis pela dinâmica dos territórios e das redes, e dos chamados territórios em rede, principalmente por meio da aceitação de sua mão de obra São nestes momentos que percebemos que os deslocamentos entrepassam-se ligando, ou pelo menos se deparando com um nexo de ligação de rede, fortalecendo os aspectos indenitários e culturais dos sujeitos, uma vez que abraça diretamente as condições representativas e identitárias do ser. Em vista disso, não é porque o sujeito está fora de seu local de origem que as redes deixarão de cobri-lo, ao contrário, é justamente no momento do deslocamento que este ser tenta procurar as suas origens ao

> Colocar o território como o ponto nodal, significa, sobretudo, reconhecer que o movimento da população é um dos elementos fundamentais da história do território e, ao se territorializar, a migração torna-se uma questão da sociedade e não dos migrantes, em sua invisível rede de solidariedade doméstica (SANTOS, 2007, p. 70).

Nesta vertente de estudo em rede, entendemos o deslocamento como um processo social e em rede que quando atinge o estopim se alimentará de ápices migratórios representados pelo sair e adentrar a um novo espaço. Estes deslocamentos são sempre sustentados pelas próprias redes já que, na migração, as ligações e relações sociais são as responsáveis pela criação do território em rede.

SEÇÃO – 2. Contexto Histórico da Venezuela.

Esta seção constrói um panorama acerca da diasporização da comunidade venezuelana para a Amazônia. Sabe-se que a história de formação da sociedade Amazônica é marcada por lutas e transformações sociais diversas, uma vez que suas identidades são amplas e carregam heranças de momentos vividos em seu espaço.

Por quase dois séculos a contar do início de século XIX e metade do século XX, América Latina e as Regiões Caribenhas protagonizaram alguns momentos de grandes fluxos migratórios. Entretanto, a contar da contemporaneidade, esse quadro vem mostrando uma alteração, sobretudo, por conta de fatores econômicos e sociais. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe-CEPAL – 2019, cerca de vinte milhões de latino-americanos e caribenhos deixaram seus países, importa descrevermos que a maioria vive em solo das Américas, principalmente, em países fronteiriços como, por exemplo, países da América do Sul.

A entrada de venezuelanos no Brasil tornou-se visível quando da criação do Município de Pacaraima, no Estado de Roraima, em 1997, feito que conciliou com o aspecto de criação de uma Área de Livre-Comércio entre os ambos os países. É importante descrevermos que nos anos de 1980, eram os brasileiros que se deslocavam a Venezuela, com propósito de sanar suas necessidades básicas, devido a que, nesse período, o país ser mais acessível para compras que o Brasil. Para Abud et al. (2008, p. 2):

> O movimento das populações no espaço, ou seja, as migrações são motivadas por vários fatores, que podem ser: políticos, religiosos, naturais, culturais, mas sem sombra de dúvida, o fator que historicamente tem sido predominante é o econômico (ABUD et al., 2008, p. 2).

A presença de venezuelanos, no final dos anos 90, se intensificou, uma vez que buscavam a aquisição de bens materiais e utilização de serviços públicos, no qual destacamos a saúde e educação. Descrevemos que o crescimento do comércio foi um ponto positivo nesse período, o que fez com que muitos empresários e comerciantes percebessem em Pacaraima uma fonte de saída para suas mercadorias, levando filiais de suas lojas para a

cidade fronteiriça e levantando a economia do Estado, afinal “é característico da sociedade capitalista, desde sua origem, a exclusão, isto é, o desenraizamento. É próprio da sociedade capitalista a tendência de destruir as relações sociais que não sejam relações capitalistas” (MARTINS, 1997, p. 20).

O fato é que inúmeros retratos ideológicos construíram perfis para a região da América do Sul, principalmente aqueles países que se ligam ao território venezuelano, por meio da fronteira Amazônica. Desde o período da colonização, por exemplo, os viajantes seiscentistas montaram argumentos no qual sustentavam a condição de paraíso. Éden ao se referir ao espaço. O retrato mítico dos viajantes do século XVII e as fases da borracha caracterizaram a Amazônia com traços apocalípticos. Além disso, houve a estratégia de colonização por parte do próprio governo do Brasil que via o território como um “Vazio demográfico” (SILVA, 2012).

Todos esses movimentos fizeram com que os olhos se voltassem para a região, configurando um cenário propício aos deslocamentos e Migrações. Aragón (2009), ao organizar o livro intitulado *“Migração Internacional na Pan-Amazônica”* constrói um cenário que mostra como esses sujeitos que se deslocaram para a região encontraram, ou buscam encontrar um espaço para se representarem enquanto figura humana. Na contextualização feita pelo autor

> A Amazônia brasileira acompanhou o período das grandes migrações do fim do século XIX e primeiras décadas do século XX. O fluxo internacional de migrantes para o Brasil se robustece a partir de 1870 e, sobretudo, após a abolição da escravatura em 1888, como resultado de diversas transformações socioeconômicas e demográficas da Europa, da expansão do capitalismo, e de políticas estatais do Brasil para atrair europeus para suprir a escassez de mão-de-obra deixada pela libertação dos escravos, principalmente na agricultura, e com isso construir uma “civilização” nos moldes europeus seguindo a ideologia eugenista da época. Os imigrantes procediam essencialmente de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão, estes últimos após 1900. (ARAGÓN, 2009, p.31)

A abordagem de Aragón mostra a Amazônia como sendo um espaço em construção, dada as condições de migração constante, por isso, o cenário que permeia a sociedade é plurinacional, uma vez que se baseiam nas ideologias das pessoas que residem em determinados locais, principalmente

aquelas vindas de outras Regiões do Brasil, ou mesmo outros países, como: Guiana, Colômbia, Suriname, Bolívia, Peru, Haiti e atualmente a Venezuela. No que se refere a esse último, trabalharemos esses deslocamentos como tendo uma relação ao contexto diaspórico.

Para entendermos melhor o movimento diaspórico dos venezuelanos é necessário conhecermos o contexto histórico, político e econômico que geraram uma crise que serviu de motivação para que muitas pessoas deslocassem-se para o Brasil, sendo na condição de imigrante ou refugiado. Assim, iremos discorrer sobre a República Bolivariana da Venezuela para compreendermos os fatores que motivaram a saída de milhões de cidadãos venezuelanos, visto que segundo o Banco Mundial:

> A América Latina tem uma longa história de migração, mas hoje está ocorrendo um êxodo sem precedentes. Entre 2016 e novembro de 2019, mais de 4,6 milhões de homens, mulheres e crianças deixaram a Venezuela em busca de um futuro melhor, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, online, 2020, tradução nossa) [14]

A República Bolivariana da Venezuela é um país situado no norte da América do Sul, com uma área de 916.445 km², faz fronteira com Brasil, Colômbia e Guiana, é banhada pelo oceano Atlântico e pelo Mar do Caribe, onde possuem algumas ilhas. Com uma população de 28. 870.195 de pessoas, conforme dados do Banco Mundial, onde 94% moram em áreas urbanas e 95% e o idioma oficial é o espanhol.

Muito antes da chegada do navegador Cristóvão Colombo, a região onde hoje é a Venezuela era habitada por várias etnias indígenas, entre elas Arauaques e Caraíbas. O território foi batizado pelos espanhóis de “Pequena Veneza” – Venezuela – em razão das construções de palafitas feitas pelos índios em regiões lacustres. Transformada em Capitania Geral do Vice-Reino de Nova Granada, foi colonizada de forma lenta, porém, a partir do século XVIII, obtém notabilidade devido as plantações de cacau e café.

---

[14] Latin America has a long history of migration, but today an unprecedented exodus is unfolding. Between 2016 and November 2019, more than 4.6 million men, women, and children have left Venezuela in search of a better future, according to data from the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR).

O processo de independência da Venezuela entrelaça-se com a da Colômbia, Equador e Panamá. Com a colaboração do Haiti e sob o comando de Simón Bolívar, a independência das colônias espanholas é declarada, e forma-se a Grã-Colômbia, Presidida Bolívar, porém em 1829 a Venezuela abandona a federação. O país continua sob o comando do Libertado Bolívar até sua renúncia em1830, e após a dissolução total da Grã-Colômbia, um congresso constituinte proclamou a independência da Venezuela e elegeu o general José Antônio Páez presidente, além de criar uma nova constituição com regime centralista que restringia o direito de voto somente aos proprietários de terra e restabelecia a escravidão que outrora tinha sido abolida por Bolívar como exigência pelo governo haitiano para apoiar a luta pela independência (NIÑO, online, 2020).

Após a emancipação da Venezuela segue-se quase um século de ditaduras, guerras civis e fronteiriças com os vizinhos, embora tenha se tornado independente, o país manteve várias de suas primitivas práticas políticas e econômicas. Acima de tudo, manteve as mesmas políticas mercantilistas e regulatórias, altamente excludentes, que garantiram a manutenção da grande situação de pobreza do país, todavia durante esse ciclo a descoberta de grandes jazidas de petróleo muda ao cenário político e econômico do país, pois a aristocracia rural perde espaço para uma classe industrial petrolífera, fato que juntamente com a abertura do mercado para investimento estrangeiro transformou a Venezuela em um dos países latino americano mais próspero.

Infelizmente, o povo venezuelano não passa ileso, pois viveram por anos uma instabilidade política, golpes de Estado, contragolpes, além de guerrilhas e movimentos populares intensos. Todavia, enquanto no campo econômico o país se beneficiava pela alta mundial do petróleo, essa riqueza não chegava a beneficiar as camadas pobres que via o país numa sequência de governos corruptos que piorou ainda mais com a queda do preço do petróleo, ajustes econômicos, acordo com o FMI e moratória. O descontentamento popular culminou no movimento conhecido como “Caracazo” que ocorreu em fevereiro de 1989 e motivou mais uma tentativa de golpe, tentativa essa que deu destaque ao militar Hugo Chávez, que foi preso (NIÑO, online, 2020).

Em março de 1994, o então presidente Rafael Caldeira concedeu o perdão a Hugo Chávez e seus direitos políticos são restabelecidos. Com o

destaque adquirido no “Caracazo” concomitante com o declínio da credulidade dos partidos políticos tradicionais foram fatores propulsores para a ascendência de Hugo Chávez a presidência da Venezuela. Eleito presidente em 1998, Chávez com 56,2%, dando início à chamada “Revolução Bolivariana”, que iniciou com um referendo para uma nova assembleia constituinte, onde sua coligação obteve 121 das 131 cadeiras. Assim,

> A nova Constituição, promulgada em dezembro de 1999, alterou o nome do país para República Bolivariana da Venezuela, ampliou a participação popular e dissolveu o Congresso e a Corte Suprema, substituindo esta última por um Supremo Tribunal de Justiça com membros escolhidos pela Assembleia Nacional Constituinte. (NEVES, 2010, p. 65).

Além dessas mudanças, foram marcadas novas eleições para o ano seguinte, eleição essa em que Chávez foi reeleito com 60% dos votos e, com esse apoio popular manteve a economia e as exportações do país com base no petróleo, não investindo na diversificação dos setores produtivos do país. Assim, enquanto o barril estava em alta, havia uma certa prosperidade com a exportação. Ademais, implantou um programa de nacionalização de setores como reservas de petróleos, telecomunicações, eletricidade, considerados estratégicos, porém contrariando e afastando investimentos estrangeiros pela falta de confiança. Outrossim, a aproximação com o governo cubano e o afastamento dos Estados Unidos geraram um clima de desconfiança de investidores e pela comunidade internacional.

Em abril de 2002, Chávez sofreu uma tentativa de golpe que o tirou do poder temporariamente, mas logo retornando devido aos intensos protestos de seus partidários e militares. Já no final do mesmo ano teve que enfrentar uma greve geral nacional que causou uma queda de quase trinta por cento do PIB. Chávez resistiu a várias contrariedades políticas adicionais, inclusive a um referendo revogatório em agosto de 2004. Ainda foi eleito para um novo mandato em dezembro de 2006 e reeleito para mais um mandato em outubro de 2012. Contudo, ele não chegou a tomar posse para mais um mandato, devido ao agravamento do seu quadro de saúde. Chávez morreu no dia 5 de março de 2013, depois de uma luta de quase dois anos contra um câncer, dando início ao governo de Nicolás Maduro (NIÑO, online, 2020).

Desde quando Chávez anunciou que estava com câncer e que, por causa do tratamento se ausentaria em vários momentos do governo, o então Ministro de Relações Exteriores, e escolhido para ser seu vice na eleição seguinte, Nicolás Maduro começa a ganhar destaque representando o presidente em vários compromissos oficiais. Com a morte de Chávez foram convocadas novas eleições onde Nicolás Maduro foi eleito presidente e reeleito em 2018 numa eleição controversa e não reconhecida pela oposição, assim como pela comunidade internacional.

Importa falarmos que este mandato vem sendo marcado por um declínio socioeconômico, com acentuado crescimento da pobreza, inflação, criminalidade e fome, fatores que geraram a maior crise migratória da América do Sul. Segundo o Banco Mundial e do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados-ACNUR, entre 2016 e 2019 mais 4,6milhões de homens, mulheres e crianças saíram da Venezuela procurando um futuro melhor. Nascimento (2020) apresenta essa condição no:

> Relatório “Tendencias Globales: Desplazamiento forzado” (ACNUR, 2018, online) podemos conferir diversas causas para o abandono da população da Venezuela: violência, insegurança, medo de perseguição por opiniões políticas (reais ou fictas), escassez de alimentos ou itens de primeiros socorros (hospitais encontram-se sem condições mínimas de atendimento médico), falta de acesso a serviços sociais ou impossibilidade de sustento mínimo de suas famílias. (NASCIMENTO, 2020, p. 43).

Segundo dados da ACNUR, o Brasil foi destino de 224 mil venezuelanos, mas segundo o Relatório Refúgio em Números – 4ª Edição do Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, baseados em dados da Polícia Federal do Brasil, 61.681 venezuelanos solicitaram reconhecimento de condição de refugiado em 2018, correspondendo a 77% do total de pedidos, outro dado que chama a atenção é que em 2011 houve apenas 4 pedidos de refúgio no Brasil por venezuelanos, enquanto em 2018 subiu para 61.681 .

Dados da ACNUR na Figura 5 ilustram as principais rotas de imigração dos venezuelanos para países da América. Os países que fazem parte da América do Sul acabam por ser os mais procurados por essa população que se

desloca e pontuamos também que os países em que o idioma oficial é o espanhol são os mais visados por eles:

Figura: 5- Migração venezuelana.

Fonte: UNHRC, novembro de 2019

É visível, na Figura 5, que o Brasil não é um dos destinos mais procurados pelos diaspóricos venezuelanos. Poderíamos descrever como fator a condição cultural, sobretudo aquela que faz referência ao uso da língua espanhola. Nessas condições podemos verificar que países como Peru, Chile, Equador receberam uma demanda maior de diaspóricos.

É fato que a crise instalada na República Bolivariana da Venezuela não tem como protagonista os últimos anos de decisões errôneas por parte do governo, ou apenas escolhas ideológicas entre governos de direita ou

esquerda, mas sim um contínuo e prolongado processo de decadência econômica e institucional, talvez iniciado logo após sua independência. (NIÑO, online, 2020). É importante pontuarmos que dados da Polícia Federal Brasileira apontam que hoje:

> Segundo o relatório da Polícia Federal “REFUGIO EM NÚMEROS 5º EDIÇÃO” entre 2011 e 2019 foram reconhecidas 89,8% do total de pessoas refugiadas no Brasil. A nacionalidade com maior número de pessoas refugiadas reconhecida, entre 2011 e 2019, é a venezuelana (20. 935), seguida dos sírios (3.768) e congoleses (1.209).
> No ano de 2019, 81,74% das solicitações apreciadas pelo CONARE foram registradas na UFs que compõem a Região Norte do Brasil. O Estado de Roraima concentrou o maior volume de solicitações de refúgios apreciadas pelo CONARE, em 2019, 56,72%, seguido pela UF Amazonas, 23, 38%, Rondônia recebeu menos de 1% desse total. Os nacionais da Venezuela foram responsáveis pelo aumento significativo de solicitações da condição de refugiados no Brasil, Consequência da decisão do CONARE de 14 de junho de 2019 de reconhecer a situação de “Grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela. Esta fundamentação foi aplicada a 88,0% do total de processos deferidos pelo CONARE no período de 2011 a 2019. Os refugiados venezuelanos correspondiam a 85,4% das pessoas reconhecidas como refugiadas com base nesta fundamentação.
> Segundo o Atlas Temático Observatório das Migração em em São Paulo – Migração Venezuelana até 2020 haviam 162.503 habitantes venezuelanos com registro ativo no Registro Nacional Migratório – RNM, sendo que 120.912 na Região Norte do País. (RPF, online, 2020)

Entretanto, como o objeto da pesquisa é o sujeito que carrega as consequências dessa crise, deixando o seu local de origem e se dispersando por outro como, por exemplo, o Brasil, em especial, a cidade de Porto Velho, nos atrelaremos a essas informações relevantes para sustentarmos a nossa pesquisa e assim darmos veracidade a um fato vivido pela Capital rondoniense, a diáspora venezuelana.

SEÇÃO – 3. ANÁLISES DOS DADOS DOS SUJEITOS ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS

Esta seção apresenta e discute os dados coletados em nossa pesquisa. Procuramos analisar o perfil de vinte imigrantes que moravam na zona sul de Porto Velho, entre os anos de 2018 a 2020, quais os fatores que motivaram a saída do país de origem, como se deu a integração com os membros do grupo, com a terra natal e com o novo local. Foram feitas 38 perguntas, estruturadas em quatro tópicos, que apresentamos em seguida.

3.1. PERFIL DO IMIGRANTE VENEZUELANO

Nesse primeiro tópico, iniciamos conhecendo quem são esses sujeitos venezuelanos que deslocaram-se para Porto Velho. Com as perguntas de 01 a 10 do questionário, traçamos algumas informações a respeito dos informantes, como: nome, idade, estado venezuelano em que nasceu, número de filhos, estado civil, grau de escolaridade, religião, condição de refugiado ou imigrante e renda familiar.

A respeito do estado civil, observamos que todos os homens entrevistados se declararam solteiros. Entre as dez mulheres, sete eram solteiras e três casadas, sendo seus cônjuges oriundos da Venezuela e todas vieram para o Brasil acompanhando a seus cônjuges. Importa apresentarmos que o grau de escolaridade dos entrevistados demonstrou uma paridade, pois metade possui nível médio e a outra metade nível superior.

Dos vinte entrevistados, 15 se declararam católicos, 2 evangélicos, 2 testemunhas de Jeová e 1 budista. Nenhum se declarou ateu e, segundo eles, quando se deslocavam de algum lugar para outro, acreditavam em uma figura celestial que os conduziria nesse trajeto.

Um fato que despertou nossa atenção foi o de que os entrevistados utilizavam, sempre que podiam, o termo “graças a Deus e a Nossa Senhora do Coromoto” que, é a padroeira da Venezuela e devotada pelos católicos. Falaram ainda que era essa Santa que os guiava na viagem, tal qual fizera com o Cacique Coromoto. Relataram que rezavam sempre que podiam com outros compatriotas, pois lembravam que, em seu país, ela ajudou muitos povos.

Desde a infância deles ouviam falar no poder dela e os milagres realizados ficaram para sempre gravados em suas memórias.

Treze entrevistados declaram-se imigrantes e apenas sete veem-se na condição de refugiados. Na visão dos informantes de número 03; 07; 08; 12, eles não conseguem distinguir a condição de refugiado e imigrante, entretanto, acreditam que o termo refugiado apresenta uma condição pejorativa, por isso eles se declaram imigrantes, por ser um termo que eles já conhecem: “sou imigrante porque vim por vontade própria” (informante 03). Já os informantes 07 e 08 comentaram: “somos imigrantes porque podemos voltar quando quisermos” e o informante 12 disse: “não sei ao certo o que quer dizer, sou imigrante porque não estou fugindo”.

Muitos sujeitos, ao chegarem ao novo território, passaram por necessidades diversas, sobretudo por não terem nenhuma renda. Isso foi revelado porque quinze deles não tinham nenhuma renda, enquanto que os cinco restantes sobreviviam com um salário mínimo. Pudemos verificar que a imagem de lugar próspero para o espaço do outro, muitas vezes, tornava-se frustrante ao diaspórico, pois, ao mesmo tempo em que fugiria da crise e miséria em sua terra de origem, construiria no espaço alheio, redutos marginais, de forma que o reflexo da miséria, muitas vezes o acompanhasse.

Charlot (2020) é testemunha da realidade que enfrenta um deslocado em uma região que não é a dele, ao refletir acerca da condição do sujeito haitiano e a saga em procurar ser aceito no mercado de trabalho:

> Quando chegaram a Porto Velho os haitianos se deparam com uma situação diferente do que haviam pensado antes de deixar o seu país. Para muitos encontrar trabalho no Brasil era questão de semanas, mas na realidade passam meses e anos antes de conseguir uma atividade estável. Tal situação lhes dificulta muito na realização dos seus projetos. Além das dificuldades de obter o emprego desejado, está também o não reconhecimento dos seus diplomas quando se candidatem para um bom cargo que combina com o seu perfil de formação profissional feita no Haiti ou até mesmo na República Dominicana, para sobrevivência são obrigados a trabalhar muito e receber pouco (CHARLOT, 2020, p.124)

Assim, o sujeito à procura de se ressignificar em uma sociedade que não é a sua de origem, tende a se deparar com uma realidade completamente diferente daquela que o motivou a deixar sua terra natal.

3.2. MOTIVAÇÃO PARA A SAÍDA DO PAÍS DE ORIGEM

É possível dialogarmos com os estudos teóricos de diáspora quando descrevemos esse tópico, sobretudo ao nos deparamos com as perguntas que dizem respeito aos motivos de saída dos venezuelanos de seu país. As respostas de 12 participantes constataram que foram “em busca de uma vida melhor”; os outros 08 entrevistados alegaram suas saídas “por causa da crise econômica e a falta de emprego na Venezuela”

Por esta razão, o nosso questionamento de número 11 especula porque escolheram o Brasil como novo lar. Ficou evidente que o destino de todos os 20 participantes envolvidos estava relacionado ao “fácil acesso e por já ter amigos ou parentes no país, mais precisamente em Porto Velho”. Isso enfatiza o papel da rede de migração nas condições de diásporas.

É visível que, quando falamos no sujeito diaspórico, o deslocamento, em muitos aspectos, não oferece escolha e sim, condição. Por isso, não podemos deixar de mencionar que a saída dos venezuelanos de seu local de origem era carregada de incertezas e inseguranças perante o novo, uma vez que, ao sair, igualmente se deslocam suas identidades. Quanto a isso, é importante refletirmos os estudos de Souza (2016), ao ponderar que:

> A questão é que, as escolhas feitas pelos sujeitos que se deslocam pelo movimento estudado em questão, sempre carrega uma ação violenta, ou uma situação traumática [...] se existe a condição por mais iludida que possa ser de se viver uma vida melhor em outro lugar [...] o sujeito não encontrará resistência em escolher o que é melhor para ele e sua família” (SOUZA, 2016, p. 73)

No mais, no que se refere ao diaspórico, é necessário que o sujeito seja reconhecido como atuante na sociedade para que a vida possa ter sentido, porém, para que haja esse reconhecimento, é indispensável que ele se veja como sendo pertencente a esse novo espaço. Desta forma, conforme Charlot (2020, p. 124), muitos diaspóricos

> Esforçam-se para sua inserção na nova cultura onde se encontra, tecem novas relações sociais, sem romper os seus laços familiares e amigáveis com as pessoas que ficaram na sua terra de origem. Dentro desse contexto, surgem novos desafios para esse povo de cultura e valores singulares e específicos (CHARLOT, 2020, p. 124)

Entretanto, importa falarmos também que nem sempre eles aceitam essa condição de se ajustar a cultura do outro e, na primeira oportunidade acabam indo para outro estado, ou até mesmo, outro país. Os oito entrevistados mais antigos estavam entre dois e três anos no Brasil e doze deles há alguns meses ou dias. No que se refere a esses que estavam em Porto Velho por alguns dias, 2 informantes (números 04 e 17) afirmaram que já haviam passado por duas outras capitais, Boa Vista e Manaus. Como não conseguiram emprego nestas cidades seguiram para Porto Velho. Percebemos que essa era uma condição decisiva para se fixarem ou se deslocarem para outras regiões.

Por levar em conta o período de estadia dos diaspóricos em Porto velho nos questionamos sobre qual seria a diferença entre diáspora e nomadismo. O fato é que, quando falamos de nomadismo temos sujeitos que possuem como atributo central o deslocamento em favor de suprir as suas características.

A jornada para os sujeitos diaspóricos, em sua maioria, segue uma linha tênue, ou seja, todos, quase sempre, tentam o mesmo caminho para deixarem sua terra natal e, esse abandono é rodeado de sofrimento e dor. Tal fato pode ser comprovado na pergunta de número 13 que verifica por onde o entrevistado passou até chegar ao Brasil e que transporte utilizou. Todos entraram ao Brasil via Pacaraima-RR, seguindo de ônibus para Boa Vista e, em seguida, para Manaus-AM, onde pegaram um barco para Porto Velho-RO. Segundo eles, é o meio de transporte mais seguro e barato para se usufruir. Atestamos isso pela fala do informante 1: “Saí de Santa Elena a pé para Pacaraima, depois peguei um ônibus até Boa vista, de lá outro ônibus até Manaus. E vim de barco de Manaus a Porto Velho por ser um transporte mais barato e ter onde dormir e se alimentar durante a viagem.”

É importante também reforçar o fato de alguns terem tido ajuda, principalmente financeira por seus familiares que, crentes na melhor condição

de vida em um espaço que não estivesse passando pelo mesmo conflito social, vislumbravam dias melhores com a possibilidade de um emprego no Brasil, sobretudo, em Porto Velho. É importante descrevermos aqui os estudos de Santos e Burgeile (2017) em que os autores descrevem umas das razões pela qual a capital em, certo período, foi destino para muitos imigrantes aspirantes a dias melhores, uma vez que:

> Recentemente, no início do século XXI, a capital de Rondônia passou por um novo ciclo de imigração e econômico proporcionados pelas construções das usinas hidroelétricas de Santo Antônio e de Jirau, no Rio Madeira. Com isso, Porto Velho recebeu investimentos federais e dos consócios responsáveis pelas construções das usinas como compensação pelas duas grandes obras na capital. Assim, a cidade tornou-se um canteiro de obras, fomentando a construção civil, além das inúmeras oportunidades de empregos no setor de serviço. Todo esse cenário proporcionou um deslocamento populacional instantâneo para Porto Velho. (SANTOS e BURGEILE, 2017, p. 05)

Esse empreendimento, ainda hoje, gera um sentimento de oportunidade de emprego para esses diaspóricos, porque muitos gastaram o que tinham para embarcar nesta aventura rumo ao progresso. Tal fato foi percebido quando os mesmos foram interrogados na pergunta 14 se tiveram ajuda financeira para conseguir chegar ao Brasil e quem os ajudou. Por conta da crise que tomava conta de seu país, poucos tiveram ajuda financeira e os que tiveram foi pelos seus familiares, sendo que os demais custearam sua viagem. Questionamos se acreditavam que suas vidas poderiam mudar em Porto Velho. Eles afirmaram que conheciam pessoas que vieram para a cidade bem antes da crise e conseguiram se manter e ajudar sua família na Venezuela. Temos a colaboradora de número 03 que é casada com o colaborador de número 04 e afirmaram que seus irmãos conseguiram trabalhar e ajudar suas famílias na Venezuela, inclusive outros membros da família da participante de número 03 estariam indo a Porto Velho.

3.3. INTEGRAÇÃO NO NOVO LOCAL

Os venezuelanos que já residiam em Porto Velho afirmaram que não sentiram muitas dificuldades em interagir com a população local. Porém, o que foi mais conflituoso para essa população foi a condição para chegar à cidade, uma vez que alguns deles passaram por uma série de problemas durante sua vinda ao Brasil. Este fato pode ser evidenciado quando nos referimos à pergunta de número 15 na qual investigamos se o entrevistado teve algum problema quanto à migração para o Brasil e qual (quais) foram ele (eles). Cinco dos entrevistados disseram que tiveram problemas na migração, sendo quatro na fronteira em Pacaraima-RR e um na chegada a Porto Velho-RO, por questão de documentação. É importante descrevermos que os entrevistados que apresentaram problemas durante seus deslocamentos foram por falta de compreensão das informações nos questionários que tiveram que preencher, pois estavam escritos somente em português. O colaborador de número 01 e a colaboradora de número 09 relataram que algumas expressões do português também eram escritas no espanhol, porém com outro significado, o que acabava causando certa confusão.

As burocráticas condições sociais existentes em todos os países se configuraram nas perguntas de número 16 e 17. No questionamento 16, por exemplo, perguntamos a respeito das dificuldades encontradas na sua chegada ao Brasil. As principais dificuldades encontradas ao chegarem a Porto Velho estavam correlacionadas aos aspectos culturais, principalmente aqueles referentes ao uso da língua, sobretudo, no momento em que tinham que fazer a mudança de sua documentação e também a falta de oportunidade no mercado de trabalho.

Em contrapartida, a pergunta 17 tentou verificar se os entrevistados haviam recebido ajuda ao chegar a Porto Velho. Neste caso, poucos receberam ajuda, sendo que foram de parentes que já residiam na cidade. Outros receberam ajuda de organização não-governamental como o Cáritas, um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ou da igreja em que congregavam. Cohen (2003, p.436) já discute essa fomentação de ajuda por parte de parentes ou conhecidos, ao descrever acerca do formato de redes, que causa uma espécie de segurança e empoderamento ao diaspórico:

> A rede será forte se incluir uma história que persuade e integra seus membros; se abranger estratégias e métodos colaborativos baseados em uma doutrina bem definida; se utilizar sistemas avançados de comunicação e apoiar-se em vínculos sociais e pessoais fortes (COHEN, 2003, p. 436).

Esse nível organizacional pode ser a materialização da diferença existente dentro de um mesmo espaço. Nessas circunstâncias, é importante lembrarmos, portanto, que as particularidades das redes podem fazer surgir discussões que ultrapassam as barreiras da condição do sujeito marginal, trazendo para esse estudo a subversão do sujeito venezuelano, uma vez que lideranças podem surgir e essas vozes passam a serem retratadas como atores políticos, gerando conflitos no interior das redes que podem ser julgados como positivos, ou negativos, dependendo das intenções promovidas e aceitas pelos sujeitos deste grupo.

O fato é que o diaspórico cria um mundo que, muitas vezes, é o inverso de suas perspectivas, posto que este idealiza o espaço do sujeito. Tal comprovação foi vista pela maioria quando imaginaram Porto Velho como uma cidade acolhedora e com muita oportunidade de emprego, talvez por acharem que a cidade vivia aquele período econômico da época das construções das usinas hidroelétricas.

É importante também falarmos acerca do choque cultural que estes sujeitos enfrentaram quando chegavam a um novo espaço. Por levar em consideração o cenário social em que viviam em seu país, a maioria imaginava encontrar um povo educado, acolhedor e solidário. Não podemos tratar esse choque cultural como uma analogia direta à questão da exclusão, porque muitas vezes, conforme os próprios venezuelanos pontuaram, a questão a ser representada por esse choque é a diferença entre os dois povos. Scherer-Warren (2007) retrata essas questões quando se refere a condição da exclusão:

> No combate à exclusão, apresenta-se a necessidade de articular-se a dimensão das condições materiais de existência (desigualdade, pobreza, desemprego, segregação espacial, etc.), com a dimensão das condições simbólica de sua reprodução (estigma, discriminação, desvalorização pessoal e coletiva, etc.) e com as condições políticas decorrentes

> (subcidadania, desempoderamento, etc.) (SCHERER-WARREN, 2007, p. 37).

A situação apresentada mostra o sujeito alimentando o sentimento de não pertencimento e passa a ver a cultura do outro diferente da sua. Assim, ele se esforça ao máximo para adquirir conhecimentos necessários para se ver como parte cultural integrante desse novo espaço. Temos que ponderar também que, a partir deste sentimento, não se pode mais pensar no deslocamento como um universalismo abstrato, sem ter que levar em consideração a condição de vida dos sujeitos que se dispersam e são colocados em condição de margem. Tampouco, a um relativismo da disputa que não aceita as possibilidades de ridicularizarão do sujeito venezuelano, porque esses sujeitos, muitas vezes, chegaram não somente a Porto Velho, bem como a outras cidades do país, sem conhecer as leis locais, e "seus deveres/direitos" o que gera certo questionamento a ser repensado: como encontram-se nossas fronteiras de fiscalização hoje?

Boaventura Santos (2004) lança uma crítica a essa condição uma vez que este propõe a separação dos falsos debates sobre universalismo e relativismo cultural. A discussão se intensifica, principalmente, quando da pergunta 20*,* a qual questionava se o entrevistado conhecia algo sobre as leis de imigração do Brasil quando chegou e se atualmente sabia mais sobre isso*.* Apenas dois responderam que conheciam as leis de imigração, sendo que os demais não conheciam e continuavam sem informações sobre a legislação e seus direitos. Segundo os entrevistados, eles sabiam que estavam adentrando em um país democrático, diferente da Venezuela, porém a questão é como este venezuelano percebia essa democracia no país do outro. Na visão de um deles (informante de número 15), a democracia é a prática de suas ideologias e valores, sem prejuízos ou danos à saúde física ou mental: "Não conhecia o sistema, atualmente conheço pouco, é um sistema complicado para os imigrantes, mas posso viver como acho que devo, sem correr risco".

Isso se intensificou no questionamento 21 que indagou se o entrevistado sentiu liberdade de praticar sua religião no local. A democracia se materializa a contar do instante em que todos afirmam que se sentiram livres para exercer suas religiões, até mesmo uma entrevistada que se declarou budista, não viu impedimento ou discriminação em relação a sua religião.

Muitos diaspóricos sentiram-se inseridos em uma democracia pelo fato de encontrarem outros compatriotas no local em que se encontram, logo, a visão democrática pode se tornar algo idealizado por estes, posto que não estão vivenciando esta e sim construindo guetos em que a sua cultura fica evidente, ainda que sob quatro paredes e, sob os mesmos aplausos, ou seja, dos próprios sujeitos venezuelanos.

Na pergunta de número 22 os entrevistados responderam a razão de escolher Porto Velho para residir. Suas respostas estavam sempre correlacionadas à condição das redes de migração, uma vez que as escolhas por permanecer levavam em conta que estes já tinham amigos ou parentes aqui e por acharem que teriam boas oportunidades de empregos, o que relembra os estudos acerca da teoria de rede proposto por Martes, ao mencionar que:

> [...] De modo geral, é por meio das redes que são veiculadas informações e opiniões que condicionam a favor da emigração [...]. As redes sociais, geralmente de parentesco, amizade ou mesmo religiosas, são fundamentais [...] sobretudo porque elas ajudam a reduzir o custo psicológico e econômico da emigração (Martes, 2000, p. 73).

As perguntas a seguir representam essa realidade acerca da atuação das redes de migração, sobretudo ao serem questionados se haviam frequentado lugares onde havia muitos brasileiros para tentar aprender/aperfeiçoar a Língua Portuguesa logo após a chegada deles. Eles responderam que a interação com os brasileiros fez com que a maioria procurasse meios de aprender a língua portuguesa. Desta forma, foram direcionados a atividades sociais na igreja que frequentavam e, principalmente, em aula de português para estrangeiros, na Paróquia Santa Luzia, dentro do programa Trânsitos, Fronteiras, Migração e Línguas Adicionais na Amazônia, do Grupo de estudos linguísticos, literários e socioculturais (GELLSO), da Universidade Federal de Rondônia. Grande parte deles não se distanciaram de seu aspecto cultural, levando-se em consideração a proporção de pessoas que possuíam uma religião, principalmente, os católicos.

Outro momento em que é visto a ligação direta aos seus compatriotas dá-se na pergunta de número 24 em que questionamos se eles procuraram

aprender a Língua Portuguesa com outros venezuelanos que já moravam em Porto Velho. Todos responderam que sim, sempre procuraram se informar com amigos ou parentes que moravam há mais tempo em Porto Velho. Giddens (1991), ao discorrer acerca da questão do conhecimento oferecido pela modernidade, nos lembra que, no que se refere ao círculo social do qual fazemos parte, aprendemos não somente os valores, mas aprendemos muitas lições acerca das ações, posto que:

> As tendências globalizantes da modernidade são simultaneamente extensionais e intencionais - elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos polos local e global. Muitos dos fenômenos frequentemente rotulados como pós-modernos na verdade dizem respeito à experiência de viver num mundo em que a presença e ausência se combinam de maneiras historicamente novas (GIDDENS, 1991, p.175-176).

Além disso, é importante também nos referirmos que, no que se refere a aquisição de uma nova linguagem, este é um dos desafios que muitos diaspóricos enfrentam, ao chegar em um novo espaço. Entretanto, com o passar dos dias, a nova língua torna-se uma realidade de significados, ao passo que o diaspórico sente a necessidade de entendê-la para interagir com o meio.

Por esta razão, conhecer a língua é de fundamental importância, posto que é por meio dela que o deslocado conhecerá e atuará no mundo em que reside, ela é muito mais do que um símbolo identitário, nessas condições ela se representará como sendo uma condição de independência e empoderamento. Também importa descrevermos que aceitando a necessidade de aprender a língua portuguesa, esses sujeitos venezuelanos começam a aceitar a condição cultural local, uma vez que a língua demarca as ideologias e a forma de mundo vivido pelo outro (SOUZA, 2016).

É importante pontuarmos que ao longo da história a interação filológica com os estudos lexicais baseia-se no entrosamento da língua, cultura e história de uma determinada nação, visto que:

> partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, [...], de modo que o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam

> transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo (ISQUERDO, 1998, p. 89).

Percebemos essa colocação quando nos referimos à pergunta de número 25 que observou se o entrevistado já havia adotado algum costume portovelhense. Todos apontaram a comida e vestimenta como os principais costumes adotados pelos imigrantes.

O questionamento de número 26 indagou acerca de quem os venezuelanos tinham recebido ajuda quando chegaram a Porto Velho. Os que receberam ajuda, foi por parte de parentes, amigos, membros da igreja que congregavam e de organização não-governamental como a Cáritas. A pergunta número 27 examinou qual o sentimento de pertencimento do entrevistado com Porto Velho. Nesse caso foi percebido uma empatia com a população local, posto que 15 disseram que havia uma relação de respeito com os moradores, 03 que estavam aprendendo a língua e 02 trabalhando com algo que faziam se sentir pertencentes ao lugar.

Tal fato foi confirmado com a pergunta 28 sobre se o entrevistado tinha alguma sensação de estar invadindo um local que não pertencia a ele. A resposta da informante 15 foi que “Não, é uma cidade hospitaleira, mas com pouco emprego”. Pelo fato de não perceberem conflitos armados a sua volta, fez com que eles não se sentissem discriminados, mas 05 disseram que sim, pois estavam concorrendo pelos poucos empregos que existiam na cidade. Diversas literaturas apontam este jogo de sentimento de não pertença por parte do diaspórico ao local do qual se instalou e procura a todo instante maneiras que possam colocá-lo dentro do contexto social do nativo, ainda que para isso deixe de viver alguns de seus hábitos culturais. (SOUZA, 2016)

A pergunta 29 examinou se o informante achava que tinha liberdade para viver sua cultura em Porto Velho. Todos responderam que sim. No questionamento de número 30 procuramos verificar como o colaborador achava que a cultura venezuelana contribuía para a cultura local. A maior parte (18) respondeu que podiam contribuir com sua culinária e sua língua, pois o ensino de língua espanhola é oferecido nas escolas de ensino fundamental e médio em Porto Velho.

Além da dificuldade com o idioma, os venezuelanos enfrentaram a falta de informações sobre como trocar os documentos e dificuldade em conseguir trabalho. É visível, portanto Não há como medir o espaço pronto do nativo com o espaço a ser conquistado pelos venezuelanos. Tal postura nos levou ao questionamento de número 31 que visava descobrir qual a principal dificuldade para se adaptar em Porto Velho. Neste, as maiores dificuldades estavam correlacionadas, principalmente, com o idioma. Falta de informações sobre como trocar os documentos e dificuldade de conseguir trabalho. É visível, portanto, que para ser aceito no novo espaço há a necessidade de se enquadrar nas regras locais. O sujeito precisa se inserir ao novo e, para isso, tem aspirações ideológicas no espaço do outro que poderiam ajudá-lo nesse processo de mudança. Percebemos essa condição no questionamento a seguir.

Indagamos na pergunta de número *32* o que eles achavam que deveria ser feito para ajudar os imigrantes que chegavam a Porto Velho. Em suas ideologias pontuaram que deveria ter mais orientações para os imigrantes sobre como trocar os documentos e, de preferência com alguém que falasse em espanhol. É fato de que a linguagem não só representa uma região, bem como gera um sentimento de autonomia em quem a reproduz, assim como empodera, ao ponto de deixar a pessoa mais confiante em sua trajetória. Foi o que se viu na pergunta de número *33* que quis constatar se eles se sentiam representados pelas campanhas das mídias de inclusão social para imigrantes/refugiados no Brasil e a razão. Todos responderam que não, porque o governo não conhece os problemas enfrentados pelos imigrantes. Outros falaram que a proposta política brasileira ainda é muito específica e, que em alguns casos, muitos povos ficam de fora dos benefícios. Seria como se eles não fossem enquadrados como cidadãos, ainda que possuíssem Cadastro de Pessoa Física (CPF).

3.4. Integração com os membros do grupo e com a terra natal

É importante descrevermos uma frase proferida por uma entrevistada durante a coleta de dados, para iniciarmos e discorrer sobre os resultados: “o sujeito se materializa quando o meio o convém” (informante número 4). O

sujeito diaspórico se dispersa sem deixar seus hábitos por completo, ainda que seja inserido de forma positiva na nova sociedade em que está se inserindo. Por isso, percebemos que o diaspórico está, sempre que possível, buscando alternativas que lembre a sua identidade e valores, de forma que os discursos evidenciados entre eles os aproximem de sua terra natal.

Ao serem questionados nas perguntas a seguir, essas condições se evidenciaram. A pergunta 34, por exemplo, questionou se há encontros com outros venezuelanos em Porto Velho para conversar e em que local. Todos afirmaram que sim, pois geralmente onde moram, há uma concentração de imigrantes venezuelanos, além de também se reunirem na igreja. Na pesquisa de Burgeile (2009, p. 384), a casa e a igreja também eram os locais mais escolhidos dos barbadianos e granadinos para se encontrarem com outros membros do grupo étnico.

O próximo questionamento complementa o que evidencia-se na pergunta anterior, pois na pergunta 35 verificou-se quais eram as maneiras para superar a falta da terra natal deles. Os sujeitos da pesquisa mantêm contatos com outros venezuelanos, seja pessoalmente, em reuniões, seja por grupos de whatsapp, que é algo comum para trocarem informações. Refletindo as condições de grupos considerados marginais, Santos (2019) faz um retrato desta condição quando fala dos indígenas. Propõe o estudioso que muito além da interação entre este grupo, houve uma mobilização por parte do meio para que estes se sentissem aceitos e atuantes na sociedade, uma vez que

> É preciso ressaltar que houve, posteriormente, algumas tentativas de ajustamento para atender as dinâmicas culturais dos Warao, como algumas adaptações nos abrigos, mudanças na dieta alimentar, no entanto, diferenciadas de um estado para outro (Roraima/Amazonas). Outra questão que ressaltamos foi a política de atuação da ACNUR, já criticada por outros pesquisadores e que comprovamos durante o trabalho de campo e as tentativas de acesso aos abrigos. A política da ACNUR é de isolar e tutelar os migrantes venezuelanos. Essa prática já era apontada por Agier (2006) quando analisava a atuação da entidade com outros refugiados. O autor chega a afirmar que é uma forma obcecada de controle e comprovamos pela dificuldade de acesso aos abrigos enquanto pesquisadores. No caso do Warao é difícil manter esse controle por questões de ordem cultural e isso representa um grande problema para a ACNUR. Ficou demonstrado que os Warao não abre mão da dinâmica cultural

> de ir e vir sem necessariamente, ter que pedir permissão de um órgão “controlador”. Outro exemplo, a recusa à determinada dieta alimentar e de buscar outros recursos não disponibilizados pelos órgãos públicos e Organizações não governamentais. Essa política de isolar, controlar rigorosamente seja talvez o despreparo destas entidades de trabalhar com o outro. Isso pode ter levado a instalação de um abrigo alternativo no bairro Jóquei Clube administrado pelos próprios Warao e criollos. Alguns interlocutores afirmaram que tinham deixado os abrigos controlados pela ACNUR e Exército Brasileiro e foram morar no abrigo que aqui denominamos de alternativo (SANTOS, 2019, p. 79/8)

Ao vivenciarem cada dia no novo espaço, os momentos se tornam uma reconstrução do novo sujeito estruturado sob condições ideológicas, o sonhador, aquele que acredita que vencerá na vida e, tornar-se-á o salvador de sua família. Entretanto, a análise interna do sujeito é quase sempre a mesma, a condição de miséria, que por muito tempo o circulou parece que permanece e, na difícil missão de conquistar um emprego e mudar de vida, este se percebe, muitas vezes, rodeado por problemas psicossociais, sendo quase impossível falar sobre a existência de um passado.

Não é que o sujeito esteja preso a um passado que o tormenta, mas na condição que ele reconhece como verídica, o venezuelano terá a função de protagonista de sua própria história, na qual o desfecho ainda é incerto. Charlot (2020) lembra que quando se fala do sujeito que se desloca, a adaptação com o novo espaço e a saudade da terra natal faz com que eles possam

> manter firmes seus laços com a sua família, seus amigos e sua terra por meio da tecnologia. Viver longe de sua terra não é nada fácil, porém os elementos que os levam a tomar essa decisão são enormes. O ser humano independentemente de onde estiver carrega consigo a sua história de vida, na qual estão presentes as pessoas com quais convivem ou conviveram e os lugares habitados ou vividos. (CHARLOT, 2020, p. 125)

O questionamento 36 quis saber se o venezuelano sempre se comunicava com a família que morava na Venezuela e de que maneira. A maioria (18) disse que sim, e utilizavam a internet para se comunicarem com os parentes na Venezuela. Já a perguta 37 foi sobre se eles ajudavam financeiramente seus familiares na Venezuela. Devido a falta de oportunidade de trabalho em Porto Velho, a maioria não ajuda, mas pretendem assim que

puderem. Dos 20 entrevistados, 15 querem se estabelecer-se no Brasil e os outros 05 desejam voltar para Venezuela, mas somente quando a situação do país melhorar.

A diáspora constrói sonhadores, desenvolve aspirações, desloca e enriquece identidades diversas. É de conhecimento que existem os dois lados da moeda ao se enquadrar neste movimento. Muitos sujeitos deslocados buscam o mesmo padrão social do nativo, chegando a imitar não somente seus valores culturais, mas, também, a sua forma de ver o mundo. É onde podemos afirmar que o sujeito que sai da Venezuela, não será mais o sujeito que, porventura, retorna a seu país, levando em conta as novas aprendizagens e contatos culturais diversos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mostrar as características motivacionais que levam o sujeito imigrante venezuelano a deixar sua terra natal em direção à outra, os desafios de se viver nesse novo local, bem como descrever a forma como ele é recebido e as estratégias utilizadas nessa nova sociedade. Para levantarmos os dados, foi feito uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, na qual foi utilizado um questionário com perguntas que abordaram o perfil do colaborador, a motivação para saída do país de origem, a integração no novo local, a integração com os membros do grupo e com a terra natal.

Os resultados apontam que os informantes tiveram como motivação para a saída do seu país a busca por uma vida melhor e que o Brasil foi escolhido pelo fácil acesso, assim como tendo parentes e amigos já residentes no país. Para chegarem a Porto Velho, entraram no Brasil por Pacaraima e de lá foram de ônibus até Manaus, passando por Boa Vista, de onde viajaram de barco até Porto Velho. As viagens foram custeadas por familiares ou com recursos próprios e, apesar de não terem tido problemas graves na migração, tiveram dificuldades na chegada devido a língua e a mudança de documentação. Entretanto, receberam ajuda de ONGs como Cáritas ou da igreja a qual congregavam. Quase todos desconheciam as leis de imigração e alegam que continuam a desconhecer, contudo se sentiram livres para exercer suas religiões. Após se fixarem em Porto Velho procuraram aprender a língua portuguesa em atividades sociais na igreja que frequentavam e principalmente em cursos de português para estrangeiros na Paróquia de Santa Luzia. Com isso, foram adotando os costumes locais, principalmente quanto a culinária e vestimenta, o que colaborou para desenvolver um sentimento de pertencimento e não sentirem que estavam invadindo o local do outro, mesmo disputando os poucos empregos. Sentem liberdade para viver sua cultura e acham que podem contribuir culturalmente com Porto Velho através de sua culinária e língua. Porém, afirmam que poderiam receber mais orientações na chegada ao município, pois até o momento não se sentem representados pelas campanhas das mídias de inclusão social para imigrantes/refugiados no Brasil, já que o governo não conhece os problemas enfrentados pelos imigrantes. Quanto a integração com outros venezuelanos, os informantes disseram que encontram-

se com eles no local onde residem, porque há uma concentração grande, além de também se reunirem na igreja. Alegam que essas reuniões ajudam a superar a saudade da terra natal, apesar de se comunicarem com familiares que ficaram na Venezuela pela internet, porque quando puder ajudarão financeiramente os familiares que ficaram por lá.

A ênfase dada aos estudos Pós-modernos, na introdução desta dissertação, faz compreendermos a abrangência que esse estudo carrega em suas entrelinhas. Para explicarmos uma sociedade atual que ainda está em transformação, falamos de contextos e sujeitos que diariamente vem quebrando barreiras e tornando-se protagonistas de suas próprias histórias, proporcionando não somente a produção de diferentes assuntos, bem como fomentando novas formas de olharmos e compreendermos a sociedade, não somente no Brasil, como em todo o mundo. Essa representação social, sem dúvidas são reflexos das interpretações multiculturais e interculturais.

Não há como negar a importância das interpretações dos estudos que voltam-se para assuntos que possuem como temática a pós-modernidade. Isso se materializa no fato de a academia conferir grande destaque para essas pesquisas, devido aos importantes reconhecimentos que possuem no cenário social e cultural, além de justificar as razões pela qual a sociedade possui determinadas características.

Por isso, muito mais do que promover literatura e conhecimentos acadêmicos, os estudiosos que adotam essa vertente não nos apresentam apenas o momento presente, mas possibilitam que nos preparemos para um futuro vindouro, com características e dilemas específicos da sociedade humana e suas complexidades.

Com relação à teoria de diáspora, trabalhamos as diásporas contemporâneas, mas, a proporção que essa teoria era articulada foi dada uma ênfase à diáspora clássica e moderna. É por meio desses deslocamentos que as sociedades vão se ajustando, ao passo que novos hábitos e costumes passam a fazer parte do cenário social, uma vez que ao se deslocar se carrega, igualmente, a cultura nativa e, ao chegar ao espaço do outro esta é manifestada.

É fato que receber o sujeito que adentra em nosso local de origem e procurar formas de ele se sentir significado faz do multiculturalismo uma

ferramenta de estudo importante para compreendermos a condição humana do sujeito e o meio em que ele se insere. As interações multiculturais percorrem por diferentes espaços, desde a condição educacional até as categorias de migrações e lutas das chamadas minorias.

Quando o sujeito se depara com esses termos, multiculturalismo e interculturalismo, surgem alguns questionamentos, sobretudo pela razão da terminologia dessas palavras: Qual a vertente de estudo de cada uma? Qual delas deve ser utilizado no contexto cultural e político da sociedade? O fato é que cada termo carrega em sua construção a palavra *cultura*, ou seja, uma representação que se configura como essencial para discutimos o mundo atual. Por isso, podemos dizer que o interculturalismo se materializa como sendo uma análise crítica diante de algumas necessidades deixadas pela condição do multiculturalismo, sobretudo em suas análises.

Os sujeitos que aderem a condição dos deslocamentos são os que mais compõem os interesses de análises da condição de multiculturalismo e interculturalismo. Entretanto, é importante falarmos que, quando aderem ao processo da diáspora, geralmente, esses deslocamentos acontecem com um método de elaboração e influência em rede. Por essa razão, à proporção que essa flexibilidade espacial da população acontece, cria-se, por meio de uma interação em rede, a representação de territórios interligados entre si, não só apenas no sentido cultural, mas político e, em alguns casos econômico.

Na mudança, as relações começam a ser pensadas entre os territórios de origem e o território de destino e são fortalecidas pelos vínculos e contato entre os diaspóricos e não-diaspóricos por meio de uma interação em rede. Logo, as relações entre o eu e o outro conduzem a trama de forças que produzem o espaço em rede na dinâmica dos deslocamentos. O modo social influencia a condição de vida das pessoas, assim, aceitar o imigrante passa a ser importante para o fortalecimento social, e o desenvolvimento cultural como um todo.

No que diz respeito aos sujeitos estudados, eles deixaram seu país a procura de melhores condições de vida e, ao chegar em Porto Velho, muitos já tinham parentes, ou amigos residindo na cidade, o que facilitou sua recepção com o local. Outro fator a ser descrito é que uma pequena parte dos venezuelanos que chegou a cidade se sentiu bem acolhida, pois muitos deles

logo se engajaram em grupos de estudos de Língua portuguesa para estrangeiros, tendo com isso, a facilidade de adentrarem no mercado de trabalho.

Por outro lado, há a saudade dos familiares que muitos enfrentam, porém quase sempre é sanada com a companhia de amigos que fizeram aqui, sejam estes venezuelanos ou brasileiros, que estimulam esses sujeitos a voltarem a estudar, e a irem atrás de emprego, abrindo um horizonte de oportunidade que, talvez, não teriam, caso ficassem na Venezuela.

Em contrapartida, a insegurança e a falta de trabalho fez com que muitos venezuelanos, temendo pela família, fossem para as ruas assumindo a condição de mendicância, se sujeitando a sofrerem todo tipo de violência.

Por todos os fatores descritos, é visível que a chegada dos venezuelanos em Porto Velho fez com que refletíssemos mais acerca da atuação do sujeito enquanto figura social e o que tem por trás de cada homem ou mulher venezuelana, quais as suas habilidades, competências, em que ele pode somar na sociedade portovelhense e de que forma. A resposta para esses questionamentos está na condição de oportunidade que são dadas a esses sujeitos.

O fato de interagirmos e aceitarmos o imigrante em nossa sociedade, de fato pode ter duas vertentes. A primeira é a positiva, pois além de termos uma pessoa que porventura esteja disposta a contribuir com a sociedade em que reside, essa pode igualmente enriquecer a cultura local com seus conhecimentos. A segunda é a imagem degradada que essa pessoa pode trazer para o local onde se encontra, principalmente no que diz respeito ao aumento da pobreza e o crescente número de desempregados e marginais como um todo.

A comunidade venezuelana é um exemplo vivo de como este estudo deve ser pensado e posto em prática, tendo em vista que inúmeras questões ainda necessitam de respostas. Essa pesquisa, principalmente, pode ajudar a pensar acerca dos novos processos de deslocamentos espaciais do século XXI, bem como no e pós período de pandemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Daniel Lamela; MORAES, Iranilda Silva; SILVA; Patrícia Oliveira da;

ABRAHÃO, B. A. **Estratégia migratória dos refugiados em Roraima nos anos de** *2014 a 2017* /– Boa Vista, 2019.

ARAGÓN, L. E. **Migração internacional na Pan-Amazônia** – Belém: NAEA/UFPA, 2009

ASHCROFT, B. et. all. **Key concepts in Post-colonial Studies**. London: Routledge, 1998.

BANCO MUNDIAL. *Venezuelan Migration: The 4,500-Kilometer Gap Between Desperation and Opportunity.* Disponível em: https://www.worldbank.org/en/news/feature/2019/11/26/migracion-venezolana-4500-kilometros-entre-el-abandono-y-la-oportunidad. Acesso em 26 de agosto de 2020.

BARBOSA, Rafaela Pinheiro; SANTOS, Viviane Corrêa. Migração de retorno: entre significados e materialidades. UFPA Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008_965.pdf. Acesso em 15 de agosto. de 2020.

BRAH, *A.* **Cartographies of diaspora: Contesting identities.** London: Routledge, 2002.

BURGEILE, O. **Um estudo Sociolingüístico dos Afro-amazônidas no Brasil**. A Imigração e a Mudança de língua. 1. ed. Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, 2009. 472 p

CAMINHA, P. V.: **A carta de Pero Vaz de Caminha.** Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf Acesso em: 02 de fevereiro de 2020.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANDAU, V. M. **Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios**. I*n*: CANDAU, V. M. (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o póscrítico.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANTLE, Ted. **Interculturalism: (a new era of cohesion and diversity).** London: Palgrave Macmillan, 2012.

CHARLOT, J. N. C. **O HAITIANO E A PROCURA DO LUGAR NA DIÁSPORA PARA A AMAZÔNIA: língua, religião e representações**. Dissertação (Mestrado e Doutorado em Geografia) - PPGG, da Universidade Federal de Rondônia - Unir, 2020.

COHEN, R. **Diasporas and the state: from victims to challengers.** Published in International Affairs 72 (3), July 1996, 507–20 1996. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2625554 . Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

_____. **Global Diasporas: An Introduction**. Washington: UCL Press, 1997.

COHEN, J. L. **Sociedade civil e globalização: repensando categorias**. *DADOS: revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, p. 419-459, 2003.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA (MJ). *Conare*. Disponível em https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/conare . Acesso 20 de agosto de 2020.

DAMÁZIO, E. da S. P. **Multiculturalismo versus Interculturalismo: Por uma proposta intelectual do Direito**. Desenvolvimento em questão, v. 6, n. 12, p. 63-86, jul./dez. 2008. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/160. Acesso em: 05 jan. 2017.

FANON, F. **"O negro e a linguagem". In: Pele Negra, Máscaras Brancas**. (Trad. Renato da Silveira). Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. ***Os Condenados da Terra*.** Tad. José Laurência de Melo. RJ: ed. Civilização Brasileira, 1968.

FLEURI, Reinaldo Matias Desafios à educação intercultural no Brasil. *Educação,* **Sociedade e Culturas**, nº 16, 2001, p. 45-62.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed 34, 2001.

GONÇALVES, L. A. O; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 3.ed., 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G.:. **O jogo das diferenças: o multi-culturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004, 2006, 2012.

HALL, S. **Cultural Identity and Diaspora**. In: BRAZIEL, J. E; MANNUR, A. (org). **Theorizing Diaspora: a reader**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-246.

_____**A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IGLÉSIAS, F. **Encontro de duas culturas América e Europa**, 1992.MILROY, L.; MILROY, J. **Social network and social class: Toward an integrated sociolinguistics** *model*. *In*. **Language in Society**. Cambridge University Press, 1992.

ISQUERDO, A. N. **Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). ***As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.*** Campo Grande: Editora UFMS, 1998, p. 89-98.

KNOKE, D. e KUKLINSKI, J. **Network Analisis**. Beverly Hills: Sage Publications, 1982.

MARTINS, José de Souza. Fronteira A Degradação do Outro nos Confins do Humano. São Paulo: Editora Hucitel LTDA, 1997.

NASCIMENTO, J. P. da S. **As migrações forçadas e a responsabilidade e Impacto social para a sociedade brasileira**. Revista Direito Diário, Fortaleza, vol. 3, n. 1, jan./fev. 2020.

NEVES, R. F. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010.

PAIVA, R. **O espírito Comum : mídia, globalismo e comunidade**. Rio de Janeiro, 2002, Mauad.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença.** São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84798/87507 . Acesso em: 27 de abril. de 2020.

PINSKY, J. **A Escravidão no Brasil**. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 1993.

POLÍCIA FEDERAL (Org.). **Refúgio em números:** 4ª Edição. 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-emnu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf . Acesso em: 26 de agosto de 2020.

RATTANSI, A. **Multiculturalism: A very short introduction**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

REIS, M. **Theorizing Diaspora: Perspectives on "Classical" and "Contemporary" Diaspora. International Migration**, Oxford, V, 42, n.2, p. 41-54, 2004.

REQUENA S., MUÑOZ, A. M. Á. **Redes sociales y sociolinguística.** *In*. **Estudios de Sociolingüística**. Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, 2002.

ROTERMEL, A. T.; CHAGAS, I; CARMELO, S. O. do M.; e outros. **Como Começou a Crise na Venezuela?** 2019. Disponível em: https://www.politize.com.br/crise-na-venezuela/. Acesso em: 26 de agosto de 2020.

SALADINI, A. P. S. **TRABALHO E IMIGRAÇÃO: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais**, Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, 2011.

SANTOS, B. de S, NUNES, J. A. **Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. *In*: SANTOS, B. de S. (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, E. T. **Imigrantes Haitianos: da dinâmica de saída à dinâmica de entrada**. Porto Velho, Rondônia, 2014.

SANTOS E.T. e BURGEILE O. **O deslocamento espacial de imigrantes haitianos: da desterritorialização à reterritorialização**. Confins, nº 32, ano 2017.

SANTOS, G. A. **Redes e território: reflexões sobre a migração**. In: DIAS, L. C. SILVEIRA, R. L. **Redes, sociedades e territórios**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007

SANTOS, J. R. T. **Diáspora dos índios Warao da Venezuela**– Boa Vista, 2019.

SANTOS, J. H. de Freitas; R. R. **Afro-rizomas na diáspora negra - as literaturas africanas na encruzilhada brasileira.** Rio de Janeiro: Kitabu, 2013

SCHERER-W. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo.** Bauru: Edusc, 1999.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. **Refúgio em Números, 5ª Ed**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

SILVA, S. A. da **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. [1 ed. – 1979].

SOUZA, C. E. P. **A representação da diáspora e a formação do sujeito em — O xará" (2003), de Jhumpa Lahiri -** Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade federal de Rondônia. Porto Velho, 2016.

WILLIAMS, R., **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. **Negros e educação no Brasil (2000)**. In: LOPES, E. M. et al. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 325-346.

APÊNDICE

APÊNDICE 1. QUESTIONÁRIO PARA OBTENÇÃO DOS DADOS PARA A PESQUISA “ENTRE FRONTEIRAS E DIÁSPORAS: UMA REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO VENEZUELANO EM PORTO VELHO”.

Perfil do colaborador

1 Qual seu nome

2 Qual sua idade?

3 Qual o estado venezuelano que nasceu?

4 Quantos filhos tem?

5 Qual seu estado civil?

6 Qual a nacionalidade de sua esposa?

7 Qual seu grau de escolaridade?

8 Qual sua religião?

9 Você está na condição de refugiado ou imigrante?

10 Qual a sua renda familiar (em salários mínimos)?

Motivação para a saída do país de origem

11 Por que escolheu o Brasil?

12 Há quanto tempo está no Brasil?

13 Por onde você passou até chegar ao Brasil. Que transporte utilizou?

14 Você teve ajuda financeira para conseguir chegar ao Brasil? Caso positivo, de quem?

Integração no novo local

15 Teve algum problema quanto à migração para o Brasil? Qual (quais)?

16 Qual foi a principal dificuldade encontrada na sua chegada?

17 Você recebeu ajuda quando chegou à Porto Velho?

18 Como você imaginava o local?

19 Como você imaginava as pessoas do local?

20 Você sabia algo sobre as leis de imigração do Brasil quando chegou? E atualmente?

21 Sentiu liberdade de praticar sua religião no local?

22 Por que você escolheu ficar em Porto Velho?

23 Em Porto Velho, você frequentou lugares onde havia muitos brasileiros para tentar aprender/aperfeiçoar a Língua Portuguesa logo que chegou aqui?

24 Procurou aprender a Língua Portuguesa com outros venezuelanos que já moravam em Porto Velho?

25 Você já adotou algum costume portovelhense?

26 Quem te ajudou quando você chegou a Porto Velho ?

27 Qual seu sentimento de pertencimento em Porto Velho?

28 Houve alguma sensação de estar invadindo um local que não te pertencia? Por que?

29 Você acha que tem liberdade para viver sua cultura em Porto Velho?

30 Como você acha que a cultura venezuelana contribui para a cultura local?

31 Qual a principal dificuldade para se adaptar em Porto Velho?

32 O que acha que deveria ser feito para ajudar os imigrantes que chegam em Porto Velho?

33 Você se sente representado pelas campanhas das mídias de inclusão social para imigrantes/refugiados no Brasil? Por que?

Integração com os membros do grupo e com a terra natal

34 Você se encontra com outros venezuelanos em Porto Velho para conversar? Em que local?

35 Quais são as maneiras para superar a falta de sua terra natal?

36 Você sempre se comunica com a família que mora na Venezuela? Como?

37 Você ajuda financeiramente seus familiares na Venezuela?

38 Quais suas perspectivas para o futuro? Você pretende voltar a morar na Venezuela?

ANEXO

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UNIR
Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 364, Km 9,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 216-2C
Bairro: Zona Rural **CEP:** 76.801-059
UF: RO **Município:** PORTO VELHO
Telefone: 2182-2116
E-mail: cep@unir.br

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa sobre XXXX, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

PROGRAMA: de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado em Letras da UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia
PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:
ENDEREÇO:
TELEFONE:
OBJETIVOS:
PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:

RISCOS E DESCONFORTOS: Os riscos oferecidos pela pesquisa são mínimos como: Invasão de privacidade, Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade, Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado, Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista. Que serão minimizados com as seguintes medidas: garantir o acesso aos resultados individuais ao entrevistado, minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, garantir que o pesquisador seja habilitado ao método de coleta dos dados, estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras, assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.

BENEFÍCIOS: Abordar contribuições de grande relevância para fomentação multicultural entre as etnias, a fim de elencar questões sobre cultura, identidade e memória, visto que estão imbricadas nas representações e formações do sujeito.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto ou pagamento com sua participação.
CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Garantia de sigilo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados e o seu nome não serão divulgados.

_____

Assinatura do Participante

_____

Assinatura do Pesquisador

Data:_____/_____/_____.